

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO

**O PROCESSO DE METÁTESE NA DIACRONIA E NA AQUISIÇÃO DO  
PORTUGUÊS**

CLARISSA DE MENEZES AMARIZ

Pelotas

2014

CLARISSA DE MENEZES AMARIZ

**O PROCESSO DE METÁTESE NA DIACRONIA E NA AQUISIÇÃO DO  
PORTUGUÊS**

Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Programa de Pós – Graduação em  
Letras da Universidade Federal de  
Pelotas, como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em Letras

Área de concentração: Estudos da Linguagem

Orientadora: Prof Dr Cíntia da Costa Alcântara

Co - Orientador: Prof Dr Paulo Ricardo Silveira Borges

PELOTAS

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A661p

Amariz, Clarissa de Menezes

O processo de metátese na diacronia e na aquisição do português / Clarissa de Menezes Amariz; orientadora Cíntia da Costa Alcântara; coorientador Paulo Ricardo Silveira Borges. – Pelotas, 2014.  
99 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

1. Letras. 2. Metátese. 3. Diacronia. 4. Aquisição. I. Alcântara, Cíntia da Costa, orient. II. Borges, Paulo Ricardo Silveira, coorient. III. Título.

CDD: 414

Clarissa de Menezes Amariz

**O PROCESSO DE METÁTESE NA DIACRONIA E AQUISIÇÃO DO  
PORTUGUÊS**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

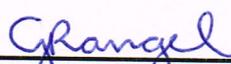
31 de março de 2014

Banca examinadora:



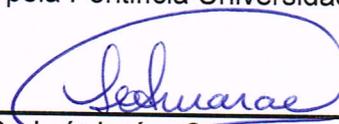
---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cíntia da Costa Alcântara  
Orientadora/Presidente da Banca  
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



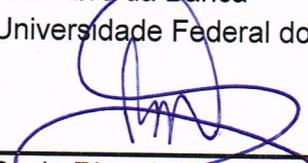
---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Gilsenira de Alcino Rangel  
Membro da Banca  
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



---

Prof. Dr. Luís Isaias Centeno do Amaral  
Membro da Banca  
Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



---

Prof. Dr. Paulo Ricardo Silveira Borges  
Membro da Banca  
Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

“When I find myself  
In times of trouble  
Mother Mary comes to me  
Speaking words of wisdom  
let it be  
For though they may be parted there is  
Still a chance that they will see  
There will be an answer  
Let it be”

Let it be – The Beatles

Aos meus pais Jason e Jacy Amariz, e as  
minhas irmãs Luciana, Letícia e Pâmella.

A minha orientadora Cíntia da Costa  
Alcântara, orientadora, mãe, amiga, exemplo.

## **AGRADECIMENTOS**

À Prof. Cíntia da Costa Alcântara, pela orientação segura, pelos conselhos, pela vezes que me chamou a atenção, por ter sempre acreditado em mim e por ter confiado nesse trabalho. És um exemplo de profissional e pessoa definitivos para mim!

Ao Prof. Paulo Borges, meu co-orientador, pela ajuda que me deu para elaborar o projeto dessa pesquisa, pelas sugestões valiosas, pela ajuda constante e por ter sempre acreditado em mim.

À coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPel, nas pessoas dos Prof. Rafael Vetromille – Castro e Luis Amaral, pela seriedade e competência com as quais conduzem esse programa.

Às professoras Ana Ruth Miranda e Maria José Blakovsky Vieira, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

À CAPES, pela bolsa de estudos concedida.

A todos os meus colegas de mestrado, em especial a minha colega Gabriela Bohlmann Duarte, pela parceria, amizade e troca de experiências tão importantes!

A todos os amigos que fiz ao longo desses dois anos, que não foram apenas produtivos para a minha vida acadêmica como também pessoal. Em especial Isabella Mozzillo, Rosiani Machado e Stefânia Costa.

A todos os mestres que me deram aulas no mestrado! Minha gratidão e admiração pela competência e o trabalho sério que conduzem.

A minha família que sempre confia nos meus projetos.

Aos meus amigos que sempre foram pacientes e compreensivos quando não os podia ver por causa do trabalho.

A Deus por me proporcionar experiências como essa.

## SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Lista de Tabelas

Lista de Quadros

Lista de figuras

1. Introdução .....	9
2. Pressupostos Teóricos .....	11
2.1. A noção de “processo” em fonologia .....	11
2.2. Geometria de Traços (Clements e Hume,1995) .....	14
2.2.1 Wetzels (1997).....	24
2.3 A sílaba sob diferentes abordagens .....	24
2.3.1 Sílaba no Português .....	29
2.3.2 Sílaba no Latim .....	31
3. Revisão Bibliográfica .....	36
3.1 O processo de metátese .....	36
3.2 Aquisição do PB .....	39
3.2.1 Sobre aquisição da Linguagem .....	39
3.2.2 Trabalhos anteriores sobre metátese .....	45
3.2.3 O processo de metátese na aquisição .....	47
3.3 Mudança .....	50
3.3.1Diacronia do português .....	50
3.3.2 Diacronia do PB e o processo de metátese.....	51
3.3.2 Appendix Probi e o Latim Vulgar .....	51
3.4 A Relação entre Aquisição e Diacronia .....	52
4. Metodologia .....	55
4.1 Dados de Aquisição .....	55
4.2 Dados de Diacronia .....	55
4.3 Método de Análise .....	56

4.4. Definição das Variáveis .....	57
4.4.1 Variável Dependente .....	57
4.4.2 Variáveis Independentes .....	58
4.4.2.1 Variáveis Linguísticas .....	58
4.4.2.2 Variáveis Extralinguísticas .....	60
5. Descrição dos Dados .....	61
5.1 Descrição dos dados de aquisição .....	61
5.2 Variáveis Recuperadas pelo programa GoldVarb .....	62
5.3. Descrição dos dados de Diacronia .....	67
5.3.2 Metáteses Regressivas e Progressivas .....	68
6. Análise Fonológica .....	73
7. Considerações Finais .....	85
Referências	

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo fonológico de metátese na diacronia e na aquisição do português, à luz da Geometria de Traços (CLEMENTS e HUME, 1995). Na aquisição, os dados são oriundos do banco de dados AQUIFONO comandado pelas professoras Carmem Lúcia Matzenauer (UCPEL) e Regina Lamprecht (PUCRS). As gravações compreendem as faixas etárias de 2:0 a 7:0 (idade:mês). Para a descrição dos dados de aquisição esses foram submetidos ao programa estatístico GoldVarb. Quanto aos dados referentes à diacronia, foram consultadas obras que versam sobre a diacronia do português. Obras tais mostram como os fenômenos linguísticos evoluíram do latim, passando pelo português arcaico, até chegar ao português contemporâneo. Constatou-se que tanto na diacronia quanto na aquisição, a metátese ocorre tanto no nível do segmento quanto no nível da sílaba.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the phonological process of metathesis in diachrony and the acquisition of Portuguese based on the Autossegmental Theory (Clements and Hume, 1995). On acquisition, the data are from the data bank AQUIFONO led by Professors Carmen Lucia Matzenauer (UCPEL) and Regina Lamprecht (PUCRS). The recordings comprise the ages of 2:0 to 7:0 (old: month). For a description of these data acquisition underwent GoldVarb statistical program. As for the diachronic data, works that deal with the diachrony of the Portuguese were consulted. Works show how such linguistic phenomena evolved from Latin, past the Old Portuguese, until you reach the contemporary Portuguese. It was found that both diachronically as the acquisition, the metathesis reaction occurs both in the segment level as the level of the syllable.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Relação de metátese intersilábicas e intrassilábicas .....	61
TABELA 2 – Metáteses intersilábicas regressivas e progressivas .....	62
TABELA 3 – Fator número de Sílabas na palavra .....	62
TABELA 4– Estrutura da(s) sílaba(s) envolvidas .....	63
TABELA 5 – Consoante onset da sílaba seguinte ao segmento passível de metátese quanto a ponto .....	65
TABELA 6 – Consoante onset da sílaba seguinte ao segmento passível de metátese quanto a modo .....	65
TABELA 7-Relação de metátese intersilábicas e intrassilábicas na diacronia... .....	67
TABELA 8 –Segmento envolvido em metáteses intersilábicas.....	68
TABELA 9- Metáteses Intersilábicas e Intrasilábicas.....	69
TABELA 10– Movimento do segmento em relação à tonicidade .....	69
TABELA 11 –Estrutura da Sílaba.....	70
TABELA 12 - Consoante onset da sílaba seguinte ao segmento passível de metátese quanto a modo .....	70
TABELA 13 - - Consoante onset da sílaba seguinte ao segmento passível de metátese quanto a ponto .....	71

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Variáveis Favorecedoras .....	66
QUADRO 2 – Variáveis Favorecedoras .....	72
QUADRO 3 – Panorama de metáteses verificados nos dados de aquisição.....	73
QUADRO 4 - Panorama de metáteses verificados nos dados de diacronia.....	79

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação arbórea .....	15
Figura 2 – Organização interna de vogais e consoantes .....	16
Figura 3 – Representação do nó de Raiz .....	17
Figura 4 – Representação de metátese em Leti .....	18
Figura 5 – Representação do nó Laríngeo .....	18
Figura 6 – Representação do ponto de consoante .....	19
Figura 7 – Violação de OCP .....	22
Figura 8 – Representação de Plosiva Intrusiva .....	22
Figura 9 – Operação de desligamento .....	24
Figura 10 - Metátese de Pedra → ['pɛr.da] .....	93
Figura 11 - : Metátese de <i>speilu</i> > <i>speliu</i> .....	94

## 1. INTRODUÇÃO

O português é uma língua cuja história é bem documentada, porém poucos são os trabalhos que se utilizam da diacronia para explicar fenômenos linguísticos, menos ainda os que se atêm ao estudo da metátese ou transposição. Considerando esse fato, a proposta deste trabalho é apresentar um estudo do processo fonológico de metátese na diacronia do português, mais especificamente, um dos tipos de metátese ali encontrados – a intersilábica.

Além de mostrar a perspectiva apresentada acima, a presente pesquisa também mostra como o processo ocorre na aquisição do português. Pesquisas feitas com a aquisição da linguagem têm trazido contribuições consideráveis para as teorias fonológicas, pois mostram evidências claras dos estágios pelos quais as crianças passam durante a aquisição de sua língua materna.

Justifica-se o uso da Fonologia Autossegmental, como suporte da presente pesquisa, pelo fato de possibilitar expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, mediante a atuação de duas operações fonológicas – espriamento e desligamento de traços. O processo fonológico de que esta pesquisa se ocupa, a metátese, pode ser explicado e formalizado sob o aparato teórico da Geometria de Traços como uma operação de espriamento, seguida de desligamento de traços. Ambas as operações, nesse enfoque teórico, respondem pelo reordenamento de segmentos na cadeia da fala.

Este trabalho tem como objetivos específicos: (a) descrever o fenômeno linguístico de metátese intersilábica na diacronia e na aquisição do português; (b) comparar o fenômeno fonológico de metátese na aquisição e na diacronia do português; (c) verificar a recorrência do fenômeno na na aquisição, de um lado, e na diacronia, de outro; (d) diferenciar aquisição de diacronia; (e) contribuir para o revigoreamento do interesse por análises linguísticas a partir de um viés diacrônico; (f) apontar uma possível interface entre aquisição e diacronia.

Além de guiar-se por tais objetivos, a presente pesquisa também procurará responder à seguinte pergunta norteadora:

- Haveria uma motivação estrutural para o desencadeamento do processo de metátese em dados de aquisição do português brasileiro e em dados diacrônicos?

Esse trabalho também se guiará pelas seguintes hipóteses:

- Haveria um tipo de metátese mais recorrente em ambos os casos, ou seja, na aquisição e na diacronia do PB.
- Haveria um indício de similaridade na escolha de metáteses intersilábicas.
- O processo ocorre da mesma forma em ambos os casos.

O trabalho está organizado em seis capítulos, os quais, em sua maioria, subdividem-se em subseções secundárias e terciárias.

O capítulo 1 descreve a parte introdutória desse trabalho, no qual se explica de forma breve as diferentes partes que organizam esta pesquisa.

O capítulo 2 diz respeito à fundamentação teórica do trabalho, com intuito de trazer subsídios para a descrição e análise dos dados, de forma a responder à pergunta norteadora e a alcançar os objetivos almejados.

O capítulo 3 apresenta uma revisão bibliográfica a respeito de análises anteriores sobre o processo de metátese.

O capítulo 4 é responsável pela apresentação da metodologia empregada na pesquisa (i) com respeito aos dados de aquisição, levantados e transcritos a partir de um banco de dados já constituído, e (ii) relativamente aos dados de diacronia da língua, cujo *corpus* foi construído a partir de gramáticas históricas do português, majoritariamente.

O capítulo 5 visa à descrição dos dados encontrados tanto na diacronia quanto na aquisição do português.

O capítulo 6 atém-se à análise dos dados de aquisição e de diacronia, via Geometria de Traços (CLEMENTS E HUME,1995).

O sétimo e último capítulo apresenta as considerações finais do trabalho.

## 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 2.1 A noção de processo na fonologia

De acordo com Trask (1996, p. 290) o termo *processo* refere-se a qualquer mecanismo fonológico formalizado como uma regra que é aplicada a uma representação, convertendo-a em uma representação diferente. Apesar de os processos serem rejeitados por algumas propostas (principalmente pelo Estruturalismo Americano), eles têm sido considerados indispensáveis, pela maioria das teorias fonológicas do século XX. O uso dos processos foi desenvolvido em um grau mais elevado pela fonologia gerativa clássica.

Para a fonologia gerativa clássica, postulada em Chomsky e Halle (1968), processo fonológico é toda modificação que ocorre em uma unidade da fonologia de uma língua, ou seja, em segmentos, em sílabas, em palavras ou em sequências de palavras. Em tal concepção, os processos são representados através de matrizes de traços, conforme (1), a seguir, no qual é apresentada uma ocorrência de metátese na língua *kasem* (cf. *pia* → *pai,ovelha*).

SD:

$$\begin{matrix} \left( \begin{array}{c} +\text{VOC} \\ -\text{CON} \end{array} \right) & , & [-\text{CONS}] & , & \left( \begin{array}{c} +\text{VOC} \\ -\text{COS} \end{array} \right) \\ 1 & & 2 & & 3 \end{matrix}$$

SC:

$$1\ 2\ 3 \rightarrow 2\ 1\ 3$$

(Chomsky e Halle, 1968, p.361)

(1)

Os autores afirmam que a metátese é um processo tão presente na língua como qualquer outro processo fonológico, e que uma regra específica precisaria então ser criada.

Para explicar a ocorrência de processos, esse modelo formaliza os traços da palavra original e depois já apresenta os traços do processo resultante. Com isso, representações por esse modelo teórico não apresentam uma visão total da ocorrência de mudanças fonológicas. Com uma representação feita dessa maneira, isto é, A que resulta em B, é difícil perceber quais elementos ou traços estão

envolvidos. Também é importante ressaltar, que a matriz apresenta os traços de forma desordenada; em outras palavras, não é possível saber, por meio dessa representação, quais traços desempenham um papel dominante em relação aos demais.

Outros autores procuraram definir os diferentes tipos de mudanças fonológicas que acontecem tanto na sincronia quanto na diacronia. Um deles é Schane (1975), que descreve essas transformações como combinações de morfemas para formar palavras, tornando os segmentos dos morfemas vizinhos justapostos e, às vezes, ocasionando modificações. Todas essas mudanças são denominadas *processos fonológicos*.

Segundo Stampe (1973), esses processos são resultado de uma tendência à simplificação que é inerente à fala da criança. A definição dada por esse autor é a seguinte:

“Processo fonológico é uma operação mental que se aplica à fala para substituir, em lugar de uma classe de sons ou sequência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica em todos outros sentidos, porém desprovida da propriedade difícil.” (p.90)

Ainda segundo Stampe (1973), esses processos atuam nos padrões da fala da criança com o objetivo de facilitar aspectos que sejam complexos, difíceis, em termos articulatórios motores ou de planejamento.

Afirma-se que os processos fonológicos são naturais e inatos. São naturais, pois precisam suprir as dificuldades articulatórias e perceptuais do ser humano; resultam em adaptações de fala às restrições naturais da capacidade humana, tanto em termos de produção como de percepção. São inatos porque são limitações com as quais a criança nasce e que ela tem que superar na medida em que não façam parte do sistema de sua língua materna.

Conforme defendido por Stampe na citação referida, mesmo sendo os processos operações mentais, a motivação de ocorrência das simplificações é física. Assim, elas visam diminuir as dificuldades articulatórias das crianças ao mesmo tempo em que preservam ao máximo as características perceptuais da fala para que

a inteligibilidade não seja prejudicada.

De acordo com Yavas, Hernandorena & Lamprecht (1991), essas tendências contrárias fazem com que os processos atuem em duas áreas: uma é a estrutura silábica, onde ocorrem principalmente omissões (apagamentos) para facilitar a produção em termos articulatórios; a outra é constituída pelos segmentos, que podem ser substituídos por outros, mais fáceis, para que a percepção não seja prejudicada por causa de omissões. Na literatura que reza sobre aquisição de linguagem, os processos são classificados, de acordo com essas tendências, em processos de estrutura da sílaba por apagamento de segmento ou de sílaba, bem como por troca de posição ou inserção de palavra – e processos de substituição – que incluem todos aqueles que causam qualquer tipo de substituição.

Esses autores ainda asseveram que nas pesquisas sobre a aquisição do português, em crianças normais, foram determinados 13 processos mais comuns sendo que alguns deles devem ser subdivididos quanto à posição do som afetado na sílaba e na palavra, quanto ao ponto ou ao modo de articulação.

Com respeito à visão da Geometria de Traços (Clements e Hume, 1995), sob cujo aparato teórico é desenvolvida a presente análise, defende-se que dentro da concepção de “processo fonológico” há um problema clássico da teoria fonológica que é determinar a classe elementar dos processos fonológicos que mapeie as representações de substância em representações de superfície. Os autores apontam que o modelo de Chomsky e Halle não ofereceu uma maneira intrínseca de distinção plausível e de regras fonológicas além do linguístico de regras altamente improváveis. Uma outra visão esposada é a da Fonologia Natural (Stampe, 1973) que faz uma distinção entre os ditos “processos naturais” e as “regras aprendidas”; porém, sem oferecer nenhuma formalização que mostrasse tais diferenças.

Na seção seguinte, tem-se a apresentação do modelo proposto por Clements e Hume (1995).

## 2.2 A Geometria de Traços (Clements e Hume, 1995)

A Fonologia Autossegmental faz parte de um avanço nos estudos em fonologia, pertence ao grupo denominado de fonologia não-linear, que difere da o modelo antecessor, desenvolvido pela Fonologia Gerativa Clássica, de cunho linear, conforme apresentado na seção precedente.

Essa organização via geometria de traços apresenta mais uma diferença em relação à representação da Fonologia Gerativa Clássica, que consiste na hierarquização entre os traços fonológicos, o que inexistia na proposta da fonologia linear. A proposta de Clements e Hume (*op. cit.*), por sua vez, formaliza os traços de forma que seja possível visualizar uma relação “solidária” entre eles, e não uma relação “bijetiva” – de um para um. Com isso, a teoria não trabalha apenas com segmentos de traços como também com autossegmentos que permitem a segmentação independente de partes dos sons das línguas. Além disso, outra noção importante trazida pela Teoria Autossegmental é de que os segmentos podem estender-se além e aquém de um segmento o que implica que o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

É sob tal enfoque teórico que se inscreve o modelo da Geometria de Traços, desenvolvido por Clements e Hume (1995). A inovação na proposta desses autores se dá na maneira como são formalizados os traços distintivos, ou seja, diferentemente do que era proposto em Chomsky e Halle (1968), no qual a formalização constituía-se em uma matriz de traços (cf. exemplo em (2), no item 2.2), no modelo de Clements e Hume (*op. cit.*) a representação é feita sob a forma de diagrama arbóreo, em (2) ilustrado.

(2)

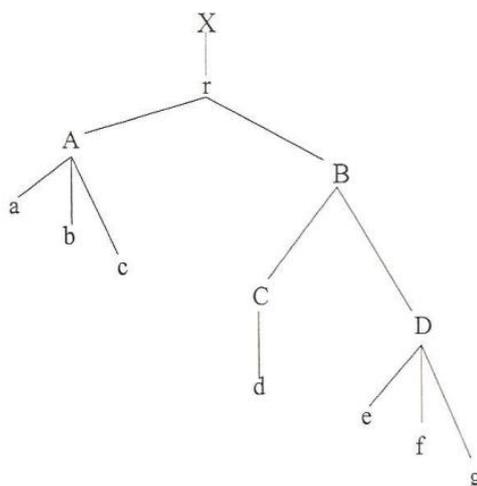


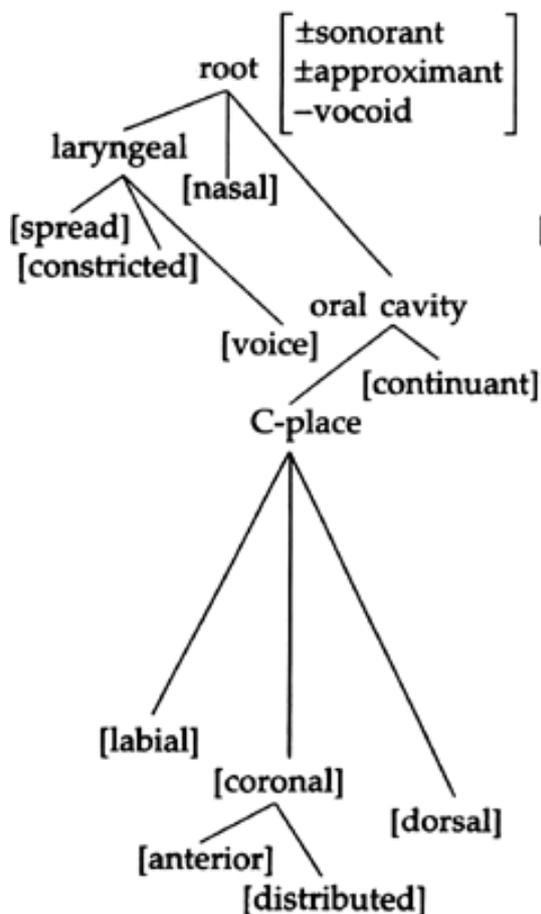
Figura 1: Representação arbórea (Clements e Hume(1995, p.249))

Conforme apresentado em (2), a letra *r* representa o nó de raiz que domina todos os outros traços. As letras maiúsculas *A*, *B*, *C* e *D* representam os nós de classe cuja função é dominar os grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. As letras minúsculas *a*, *b*, *c*, *d*, *e*, *f*, *g* representam os traços fonológicos. O nó de raiz (*r*) é dominado por uma unidade abstrata de tempo, representada por (*X*). Os nós são ligados por linhas de associação, que aparecem dispostas verticalmente na figura.

A partir dessas noções, apresenta-se, em (3), a organização interna de consoantes e vogais, segundo Clements e Hume (1995, p.292).

(3)

(a) Consonants:



(b) Vocoids:

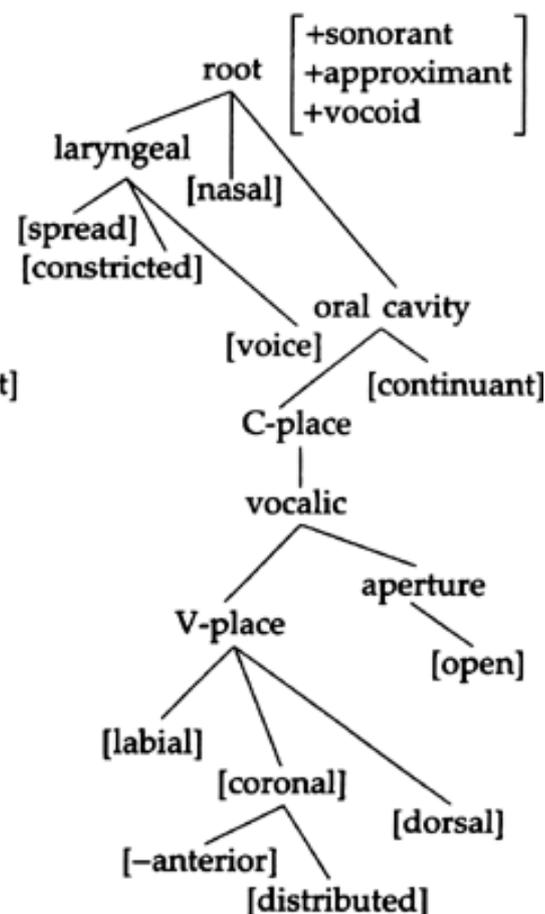


Figura 2: Organização Interna de Vogais e Consoantes

A figura acima mostra a organização interna das consoantes e vogais de acordo com Clements e Hume.

Na árvore (a), *root* representa o nó de raiz (*r*); [+sonorant], [+approximant], [-vocoid] correspondem respectivamente a [+sonoro], [+aproximante] e [-vocálico]. No nó de raiz encontram-se três nós: nó laríngeo, [nasal] e cavidade oral. O nó laríngeo, por sua vez, é dividido em três outros nós, a saber, [glote não-constrita], [glote constrita] e [sonoro]. A cavidade é dividida em Ponto de Consoante (doravante PC) e [contínuo]. O PC apresenta os traços [labial], [coronal], [dorsal]. O traço [dorsal] pode ser dividido em [anterior] e [distribuído].

A representação das vogais apresenta todos esses nós e traços mostrados na árvore (a), no entanto, a árvore (b) apresenta uma diferença em relação às consoantes: o nó vocálico. Esse possui subdivisões de Ponto de V (doravante PV) e abertura. Também diferentemente das consoantes, no nó de raiz, o traço é [+vocóide] por se tratar de uma vogal.

O nó de raiz, que domina todos os traços, representa o segmento como uma unidade fonológica. A ele é atribuído o *status* especial por ser constituído pelos chamados “traços maiores” – [soante], [aproximante] e [vocoide]. Clements e Hume apontam várias justificativas para a existência desse nó, uma delas consiste no processo de assimilação total que é expresso pelo espraiamento do nó de raiz de uma posição do esqueleto para outra, conforme o exemplo abaixo (3)

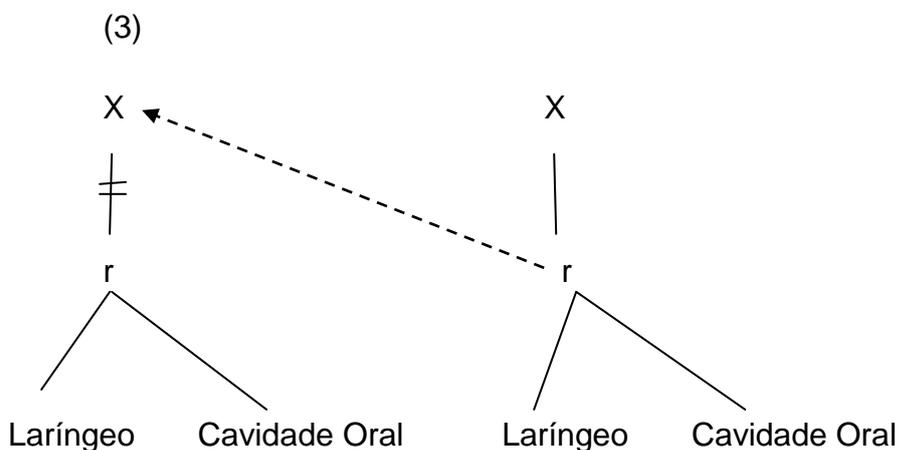


Figura 3 : Representação do nó de Raiz

Sem o nó de raiz não existisse, a representação acima teria que mostrar o espraiamento de cada nó de estrutura.

O nó laríngeo também pode ser justificado na ocorrência do processo de metátese. Sem esse nó, a metátese seria difícil de ser representada. No exemplo a seguir tem-se uma ocorrência de metátese na língua *Leti*, com as palavras *Kunis* → *kunsi*.

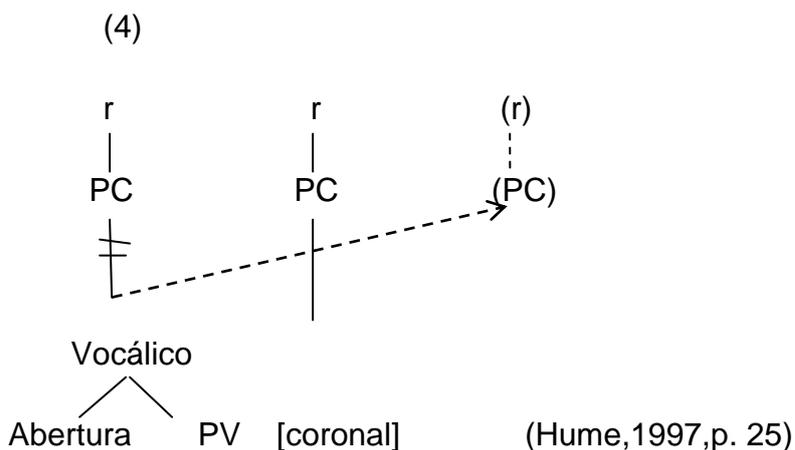


Figura 4: Representação Metátese na Língua Leti

Conforme ilustrado em (4), na transposição de [i], em  $kun_{i}s \rightarrow kuns_{i}$ , o nó de raiz desempenha um papel fundamental para a ocorrência do processo. Segundo Hume (*op. cit.*), um meio de representar a metátese consoante/vogal, em fonologia não-linear, baseia-se na visão de que a metátese é o produto de uma série de operações fonológicas, formalizadas como regras, a saber, epêntese, apagamento e espriamento. Sob esse enfoque teórico, a derivação da metátese, em contexto final no Leti envolveria a inserção de uma posição vocálica em contexto final. Além disso, a vogal final do radical é desligada de sua posição prosódica. Por convenções universais de associação, a melodia do segmento vocálico flutuante é mapeado sobre a posição de V epentética como uma operação de preenchimento de traços.

Segundo os autores, a relação entre 'X' (que representa o tempo fonológico) e 'r' (que representa o nó de raiz), o desligamento da linha que os une ambos, independentemente de que elemento qual será apagado, implica no apagamento do segmento todo. Isso mostra que a representação de metátese só é possível com a presença do nó de raiz.

O nó laríngeo, representado pela letra A, justifica-se na estrutura por ele poder espriar-se ou desligar-se como um todo, como uma unidade, levando consigo todos os traços que estão sob o seu domínio.

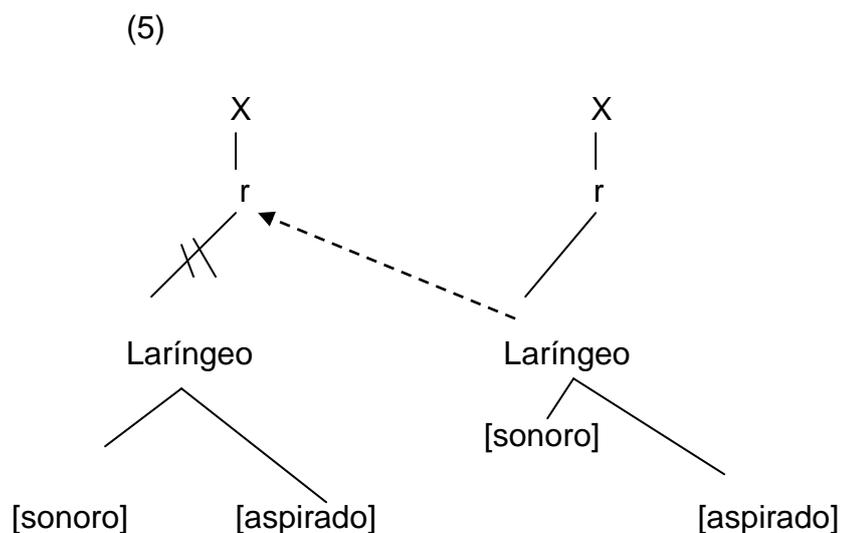


Figura 5 : Representação do nó Laríngeo

O nó cavidade oral, representado pela letra B, é justificado na representação pelo mesmo motivo que o nó laríngeo o é, ou seja, existem processos fonológicos em que há o funcionamento solidário dos traços que estão sob o domínio de um dado nó. Segundo Clements e Hume, o nó cavidade oral é a unidade responsável pelo processo de formação da plosiva intrusiva, encontrado em muitas variantes do inglês (cf. *chomsky* -> tʃomski).

O nó pontos de consoante, representado pela letra C, funciona como uma unidade nas regras de assimilação de ponto, em outras palavras, os traços de ponto no trato vocal [labial], [coronal] e [dorsal] e seus dependentes se espraiam, nessas regras, como um todo. As consoantes nasais aplicam-se a essa regra, pois é comum assimilarem o ponto de articulação da plosiva que as segue.

(6)

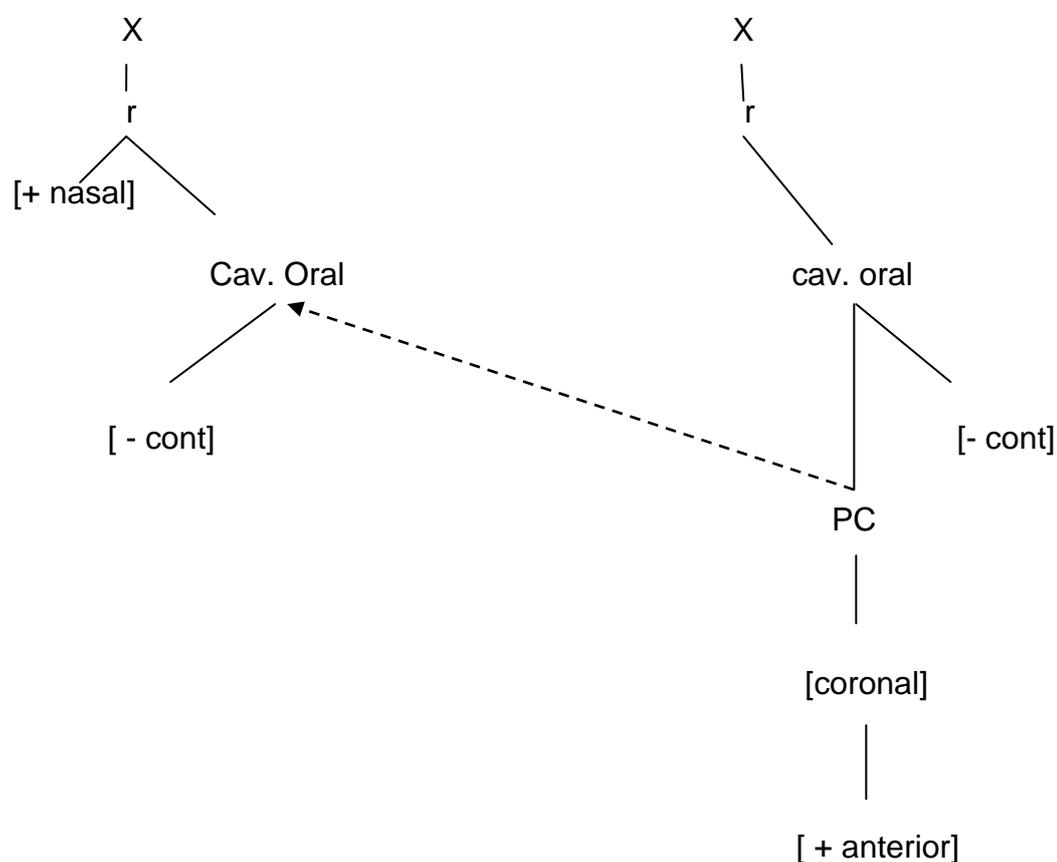
*Canto* (aN → an)

Figura 6: Representação do nó ponto de consoante

Na figura representada acima, o nó ponto de consoante funciona como uma unidade nas regras de assimilação de pontos: o traço de ponto do trato vocal [coronal] e seus dependentes se espraiam, como um todo. Isso é muito recorrente em consoantes nasais, que costumam assimilar o ponto de articulação da plosiva que as segue. No PB, a nasal pode passar a ser [labial], [coronal] ou [dorsal], dependendo da consoante seguinte.

Assim, para a aplicação da regra acima, é necessária a existência de um nó de classe que domine todos os traços de ponto, conforme foi apresentado no exemplo acima no caso de *canto* (aN → na).

O nó vocálico, representado pela letra D, domina, na geometria proposta, o nó Abertura e o nó Pontos de Vogal.

Os traços de Abertura e de ponto de vogal que doravante serão explicados. Isso caracteriza os traços vocálicos como uma unidade funcional. Esses traços não apenas representam as vogais, como também se fazem presentes em articulações secundárias, em consoantes complexas.

O nó pontos de vogal possui o mesmo conjunto de traços das consoantes, pois, de acordo com Clements e Hume, no que diz respeito a ponto de articulação, as vogais e consoantes apresentam uma estrutura paralela. Com isso, os traços de ponto são definidos com base nos articuladores que ativam sua realização – (a) [labial], que envolve os lábios como articulador ativo (cf. microfone → micofrone; padule > palude ) ; (b) [coronal], que abarca a frente da língua como articulador ativo (pedra → perda; Capistrum > cabresto ); (c) [dorsal], que inclui o corpo da língua como articulador ativo (prego → pegro; fabricam > fravega ).

Nesse modelo, pode-se ter uma classe natural que corresponda a cada um dos traços de ponto no trato oral, a saber, (a) [labial] – que compreende consoantes labiais, vogais arredondadas, vogais frontais (escada → sicada; lhavo > lvalho); (b) [coronal], que integra consoantes coronais e vogais frontais e (c) [dorsal], que agrupa consoantes dorsais e vogais posteriores (lua → ula; habui > haubi > houve ).

Assim, conforme apresentado logo acima, com um conjunto único de traços articulatorios, é possível caracterizar tanto as classes naturais quanto formalizar a interação entre vogais e consoantes.

O último nó a ser explicado é o de abertura que, como o nome sugere, domina os traços referentes à altura da vogal. A proposta dessa teoria é representar as vogais com o traço [aberto].

As linhas de associação já expostas na figura (1) têm duas funções: codificar alinhamento de padrões temporal e coordenar elementos entre as representações fonológicas. Além disso, conforme mostrado em (1), elas agrupam elementos em constituintes, que também funcionam como unidades isoladas em regras fonológicas. Os constituintes desse grupo possuem uma relação de irmandade ou dependência, isto é, D e E são irmãos, e filhos ou dependentes de C. É importante notar que, se D é

filho de C, logo, a presença de D implica, necessariamente na presença de C na representação.

A Fonologia Autossegmental é regida por princípios que regem essa teoria. Esses princípios baseiam-se, em parte, na preservação das propriedades estruturais das representações.

O primeiro princípio é o de Não-Cruzamento de Linhas (do ingl. *Prohibition on Crossing Association Lines*), o qual proíbe a associação de dois elementos que implique o cruzamento de linhas no mesmo plano. Na operação de espraçamento, por exemplo, as linhas de associação não devem se cruzar.

Outro Princípio importante é de Contorno Obrigatório (do inglês *Obligatory Contour Principle – OCP*) o qual proíbe elementos adjacentes idênticos. Isso pode ser constatado na passagem do latim para o português, a exemplo de *allium*, que evoluiu para *alho* no português (Neushrank, 2011, p.19).

Na figura a seguir, têm-se um exemplo de violação desse princípio.

(7)

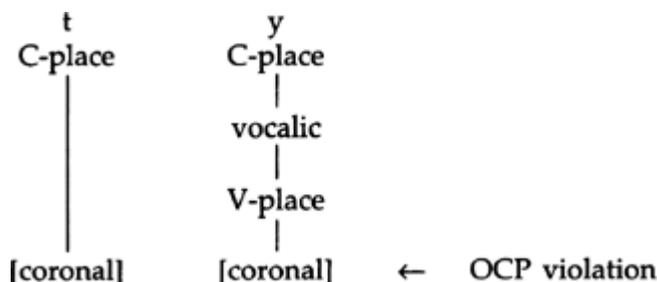


Figura 7: Violação de OCP (Clements e Hume, 1995, p. 279)

O terceiro e último Princípio é o de Restrição de Ligação (do ingl. *Linking Constraint*), que restringida a aplicação de uma regra à forma que nela é representada, assim, se contiver uma só linha de associação, fica bloqueada em contextos de ligação dupla ou vice versa.

Os dois fundamentais de aplicação da teoria se dão a partir de duas operações – *desligamento* e *espraçamento* de traços.

A operação de desligamento ocorre quando o traço de um segmento espraia para o segmento seguinte. Assim, ambos os segmentos passam a compartilhar esse traço. Pode-se ver um exemplo na figura (8).

(8)

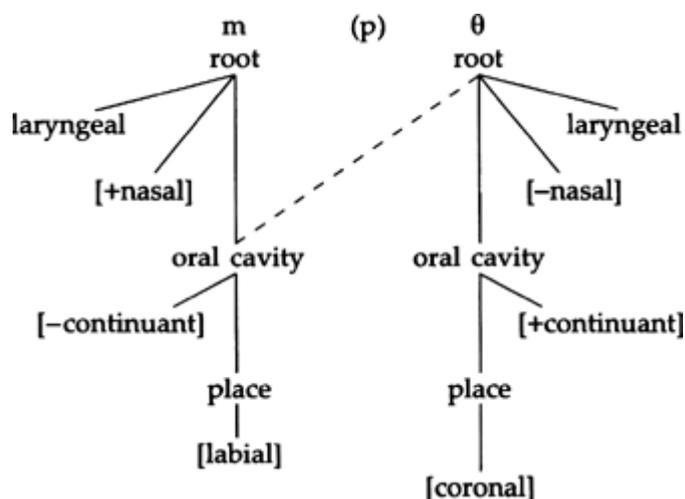


Figura 8: Representação da Plosiva Intrusiva (Clements e Hume, 1995, p. 272)

Observa-se que, na figura acima, a plosiva intrusiva [p] toma para si todos os traços sob o nó cavidade oral de [m] e os da fricativa [s] que a segue.

Na operação de desligamento, um traço é desligado da representação arbórea e, posteriormente, pode ser reanexado ou não. Após ser desligado, o nó fica “flutuante” até novamente reestabelecer sua posição temporal. Na figura, a seguir, tem-se um exemplo dessa operação.

(9)

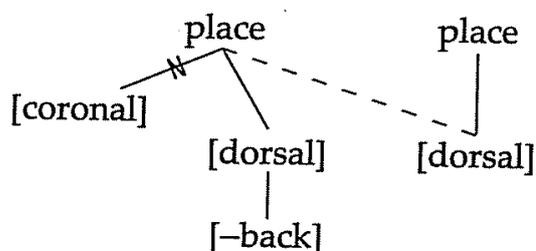


Figura 9: Operação de desligamento (Clements e Hume, 1995, p. 287)

Em (9), é possível observar que há um desligamento do traço coronal. Essa representação mostra que a consoante palatal [ɲ] ao assimilar, através da operação de espriamento, a dorsalidade de um som velar, irá adquirir um segundo nó dorsal, perdendo, assim, o nó coronal.

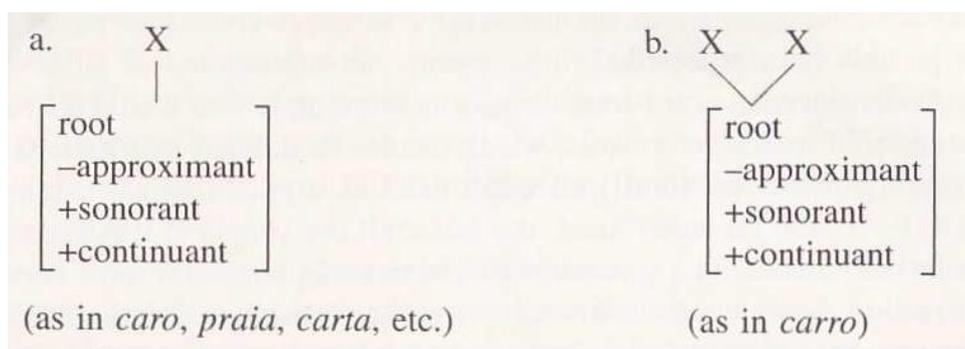
Então, como se pôde observar, a concepção de *processo fonológico*, na fonologia não-linear, distancia-se sobremaneira das visões propaladas sob outros modelos teóricos.

### 2.2.1 WETZELS (1997)

Em seu estudo sobre a nasalidade em PB Wetzels (1997) apresenta uma outra possibilidade de explicar a ocorrência de metátese, especialmente em relação ao /r/ subespecificado.

Conforme fora postulado por Câmara (1953,p.70) há uma evidência fonotática para a distribuição do *tap* aveolar /r/, também conhecido como /r/ fraco, e o /R/ velar aproximante, também conhecido como /R/ forte. Excetuando a posição intervocálica, onde parecem contrastar, os dois sons são distribuídos de forma complementar (cf. rato,praia, carro.)

O autor assume que tanto /r/ quanto /R/ são derivados de um segmento subespecificado, os quais podem ser representados de acordo com os exemplos a seguir.



O autor também afirma a posição de que /R/, quando em posição intervocálica, deriva de um segmento geminado subjacente. Com isso, as diferentes maneiras as quais /R/ é realizado foneticamente são derivadas de suas propriedades estruturais e

distribucionais. Assim, a representação fonológica de um segmento subespecificado pode ser posposto até o último nível de derivação conforme essas variações a seguir.

Amo[R] ~ amo[r]es

Supe[R] ~supe[r] – homem

Quando se encontra em posição intervocálica ou em coda, a representação de /R/ pode ser feita através de regras de redundância lexical.

Com isso, a proposta de Wetzels (*op. cit.*) é possível explicar a ocorrência de metáteses envolvendo o /r/. Assim, para que a forma metatizada ocorra, será necessária uma inserção de posição esquelética à esquerda, a fim de que a sonorante em questão possa constituir um cluster heterossilábico, tal como outros clusters heterossilábicos encontrados no português.

## 2.3 A sílaba sob diferentes abordagens teóricas

### 2.3.1 Sílaba no português

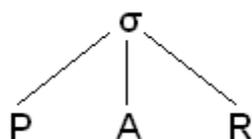
O entendimento sobre o funcionamento da sílaba é fundamental para a compreensão dos processos fonológicos em uma língua, tanto na diacronia quanto na sincronia.

Nessa seção serão apresentadas considerações sobre a sílaba a partir de Kahn (1976), Selkirk (1982) e, particularmente com respeito ao português brasileiro, a visão de Bisol (1999).

É a partir da fonologia não-linear que os estudos sobre sílaba recebem impulso. Na Teoria Autossegmental, a sílaba, pela primeira vez, passa a ter *status* fonológico, uma vez que na Fonologia Gerativa Clássica era tratada como um traço, [+silábico], atribuído ao segmento. No entanto, esse tratamento formal dispensado à sílaba não era capaz de expressar, com adequação explanatória e formal, os processos linguísticos nos quais a sílaba exercia um papel fundamental, seja como desencadeador seja como alvo de regras fonológicas.

Para Kahn (1976), o modelo autossegmental de sílaba é constituído por camadas independentes, uma delas representando a sílaba, à qual estão ligados diretamente os segmentos. Essa proposta apresenta-se na representação em (10).

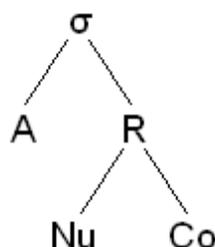
(10)



Kahn (1976)

Selkirk (1982) propõe uma visão de sílaba a partir da Teoria Métrica. No modelo de Selkirk (op.cit.) é organizada internamente por um *ataque* e uma *rima*. A rima é dividida em núcleo e coda. No português, o ataque e a rima podem ser vazios, mas o núcleo não. Esse, por sua vez, é sempre preenchido por um segmento vocálico em PB. A seguir, a representação da sílaba por Selkirk (op. cit.) em (11).

(11)



Selkirk (1982,p. 341)

Há uma diferença entre o modelo autosegmental e o modelo métrico, no que respeita às noções de núcleo e coda. Para o primeiro modelo, a relação entre esses dois elementos e a relação desses com a posição de ataque é a mesma, conforme ilustrado em (11). Já no segundo modelo, a relação entre núcleo e coda é bem mais estreita do que aquela entre núcleo e ataque.

Bisol (1999) apresenta a sílaba do português brasileiro (PB) a partir da teoria métrica, defendendo a premissa de que a sílaba possui uma estrutura interna e seus constituintes são representados de forma hierarquizada.

Baseando-se na noção já apresentada de Selkirk (op. cit.), Bisol (op. cit.) apresenta os constituintes silábicos e os relaciona com a estrutura do português. Segundo a autora, esses constituintes são o **ataque** (que em PB não é obrigatório) e a **rima**. A sílaba é formada obrigatoriamente por um **núcleo**, seguido ou não de coda, os quais formam a rima da sílaba. Essa estrutura é capaz de formar duas estruturas silábicas possíveis: {CV,VC,V,CVC} considerada mais simples, mas também permite estruturas consideradas mais complexas como {CCV,VCC,CCVCC} sendo que a última é derivada da primeira. Para que haja a identificação da sílaba, é preciso, primeiramente, identificar seu núcleo, o qual implica a rima que, conseqüentemente, implica a sílaba.

De acordo com a análise de Selkirk, a estruturação silábica é uma teoria sobre a sílaba acerca dos princípios gerais de composição silábica básica, isto é, as sílabas se organizam a partir de princípios gerais (PCSB).

Para entender melhor como alguns processos silábicos acontecem, a compreensão de dois conceitos se torna fundamental: o de Estrutura Silábica e silabificação que, apesar de andarem juntas, também podem ser compreendidas como instruções diferentes. A primeira diz respeito a uma teoria sobre sílaba, em forma de árvore, que se relaciona com os princípios de composição da sílaba básica (PCSB), conforme já foi apresentado anteriormente. A segunda é o mapeamento de uma cadeia de sons ao molde canônico, depreendido de PCSB, para fins de análise.

Selkirk também explica que as regras de composição silábica básica são princípios expressáveis por meio de uma árvore de ramificação binária, que em português geram o padrão canônico CCVC.

Para dar conta da estrutura CCVCC, inclui-se o C parentético com a Regra de Adjunção de / S / (RAS). Essa regra se faz necessária para o grupo de palavras como: claustro, monstro, solstício, perspectiva, conforme ilustrado em (12), e apresentado em Bisol (1999, 706-708).

(12)

PCSB	RAS
→     σ	→     σ
/    \ O    R	/    \ O    R
/ \ C C V C	/ \ C C V C C
c l a u (stro)	c l a u s (tro)

Bisol também salienta que para a estrutura da língua respeito determinados Princípios. São eles: os Princípios Universais e Princípios de Língua Particular, os quais são de extrema relevância para a construção de expressões bem-formadas. Os Princípios Universais são Princípio de Sonoridade Sequencial (PSS), Princípio de Maximização do Ataque (PMA), Princípio de Licenciamento Prosódico (PLP) e Princípio da Integridade Prosódica (PIP).

O PSS descreve uma visão fonética da sílaba em que picos de silabidade coincidem com picos de sonoridade, sendo a sonoridade crescente no ataque e decrescente na coda como é caso de palavras como pas.ta e orla.

O Princípio de Preservação de Estrutura (PPE) proíbe a criação de novas estruturas silábicas no léxico, caso elas não sejam admitidas pelos PCSB. As sílabas que seriam proibidas pela Condição de Coda são produtos pós-lexicais, e PPE está

desativado no pós-léxico, ou seja, regras variáveis que fogem ao padrão canônico são regras pós-lexicais.

O PMA abrange como universal o fato de a seqüência CV ser tautossilábica, garantindo que a série VCV seja sempre escandida V.CV.

O PLP mostra que línguas que maximizam o ataque, como as línguas romanas, entre essas o português, desenvolvem-no primeiramente e depois formam a coda. Além deste princípio ser controlado por PSS, é também controlado por uma condição de língua particular, a Condição do Ataque, a rima é controlada por Condição de rima.

O PLP diz respeito à silabação exaustiva e foi formalizado por Itô (1986) em termos de Licenciamento Prosódico, e em termos de Silabação Máxima por Mascaró (1989,p.3). A ideia é o material fonológico não-associado deva ser apagado está presente em toda a literatura não-linear, estabelecendo como uma restrição geral da representação fonológica (cf. Harris,1983). Seu desenvolvimento implicou em uma organização hierárquica na organização do material fonológico: segmento < sílaba < pé < palavra, etc.

Para atingir resultados mais precisos, as condições particulares da língua são essenciais, sendo que fazem uma seleção mais estreita. A partir desses princípios, originaram-se duas condições de boa-formação: Condição de Ataque e Condição de Coda.

A Condição de Ataque mostra que essa posição silábica abrange no máximo dois elementos. Os ataques complexos são grupos formados por obstruintes combinadas com líquidas, com exceção de / dl / e / vl / que não são permitidos em PB, salvo em alguns nomes como Adler e Vladimir. Os grupos permitidos são: pr – prato, br – braço, tr – traço, dr – drama, kr – cravo, gr – grama, pl – planta, bl – bloco, tl – atlas,kl – clamor, gl – glosa, fl – flanco, fr – franco, vr – livro.

Em (13) temos a condição positiva de ataque:

(13)

Condição positiva de ataque complexo:

Ataque  
/\  
C C  
||  
[-cont] [+soa, -nas] [+cont, lab]

Os grupos apresentados acima têm, na primeira posição, uma consoante [contínua] ou [+contínua, labial] e, na segunda, uma soante não-nasal, revelando dois graus de distanciamento de sonoridade entre os segmentos que compõem o ataque, e minimamente um grau entre os que compõem a rima.

Em (9) há exemplos do português.

(14)

- a) Ataque satisfeito: crê.do
- b) b) Sonoridade severa ou platô : ar.le.quim
- c) Condição de Ataque ferida: ls.ra.el

A partir dos exemplos conclui-se que a sonoridade idêntica ou platô (14.b), é proibida - /r// não podem compartilhar a mesma posição no ataque por assumirem o mesmo grau de sonoridade, e em (14. c), a condição de ataque é ferida porque não há em português *clusters* em *onset*, que possam ser constituídos de /S/ seguido de líquida lateral.

Segundo a Condição de Coda, toda e qualquer soante pode exercer a posição final de uma sílaba, assim como essa mesma posição também pode ser por uma única obstruinte [-soante], conforme observado em (15).

(15)

Condições de Coda:

Condição negativa de coda:  
 \* C ] s  
 |  
 [- soa], exceto /S/

Observa-se que na condição negativa de coda, as únicas consoantes que podem ocupar a posição final de sílaba são: /r/, /l/, /N/, e /S/, mesmo no caso de coda complexa (RAS).

Com isso, entende-se o funcionamento da compreensão da formação silábica do português e a importância dessa explanação para esse trabalho. Além disso, as constatações desses autores poderão ajudar a entender melhor determinadas ocorrências em diferentes tipos de sílaba.

Apresenta-se, a seguir, a sílaba no latim. Isso se faz necessário em virtude de o presente trabalho propor-se a uma análise de fenômeno linguístico diagnosticado na passagem do latim para o português, a metátese, para além de ser também observado na aquisição da fonologia da língua.

### 2.3.2 Sílaba no latim

Assim como no português, os constituintes silábicos do latim são o ataque e rima. A rima é subdividida em núcleo e coda. O ataque e a rima são opções, mas o núcleo sempre deve aparecer na estrutura silábica do latim.

Outra semelhança com a estrutura do PB é em relação ao núcleo que também é preenchido por vogal (salvo exceções como a sílaba *pst*). Ele pode ser construído por uma ou duas vogais.

As considerações a seguir foram feitas com base no trabalho de Quednau (1999), no qual a autora analisa o acento do latim ao português arcaico.

No ataque são permitidos encontros consonantais como *pl*, *cr*, *tr* que também são aceitos em português, porém, diferentemente do PB, o latim aceita formações consonantais, tais como, *st* como é o caso de *stella* > estrela.

Os mesmos padrões silábicos descritos no item 2.3.1, são encontrados na língua latina. Nos exemplos abaixo, têm-se as estruturas silábicas encontradas no latim em (16)

(16) Padrões silábicos do latim

a) CV - *quĕ*, *nĕ*, *vĕ*

b) VC – *ĕs*, *ĕs*

c) VV- *ā*, *ē*

d) VCC – *ĕst*

e) (C) CCV – *vĭr*, *mĕl*, *cŏr*

f) CVV – *dā*, *quĭ*, *mĕ*

g) CVVC – *bŏs*, *iŭs*, *sĭ*

h) CCVVC – *clā*, *plŭs*

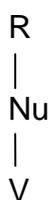
Diferentemente do português, a língua latina possui vogais longas representadas em exemplos como *clā*. Com isso, padrões silábicos como VV são possíveis no latim.

O ataque não interfere no peso da sílaba, apenas a rima. Se a rima é dividida em subconstituintes núcleo e coda, a sílaba é considerada pesada. Dos exemplos mostrados acima, apenas o primeiro (16a), é leve, todos os outros padrões são pesados, sejam por terminarem em consoantes ou ditongos (16b, 16d, 16e) vogal longa (16c, 16f), vogal longa consoante (16g, 16h).

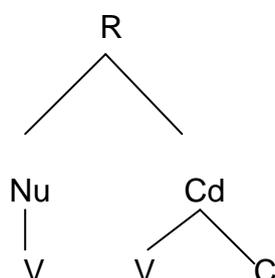
A seguir, tem-se a representação das rimas simples e ramificada que correspondem, respectivamente, à sílaba leve e à sílaba pesada, como está apresentado em (17)

(17)

(17a) Rima Simples



(17b) Rima Ramificada



Em resumo, a sílaba do latim tem uma constituição binária, representada por ataque e rima, sendo que somente a rima é obrigatória. A rima também tem constituição binária, de rima e coda. O núcleo é sempre uma vogal, e a coda pode ser também uma vogal (uma vogal longa), uma soante, um s, uma oclusiva, ou uma combinação desses elementos. O ataque compreende no máximo dois segmentos, desses o segundo pode ser uma soante não –nasal, uma oclusiva ou um glide.

A seguir, tem-se um maior detalhamento da constituição do ataque e da coda na sílaba latina na visão de Jacobs (1992, p.56-33 *apud* Quidnau, 1999, p. 139).

Primeiramente, as sequências possíveis no início de sílaba conforme está demonstrado abaixo.

(18)

tres	[tr]	*tl	[tl]
praecipito	[pr]	plebs	[pl]
crimen	[kr]	clamo	[kl]
fraten	[fr]	flos	[fl]
draco	[dr]	*dl	[dl]
brevis	[br]	blandis	[bl]
gravis	[gr]	gloria	[gl]

Nos exemplos acima, é possível notar que, no início de sílaba, são permitidos grupos consonantais de obstruinte- líquida, com exceção dos grupos *\*tl*, *\*dl*, *\*sl* e *\*sr*. No entanto, há outras possibilidades com s em início de sílaba, conforme ilustrado em (19).

(19)

scindo	[sk]	scriba	[skr]
stella	[st]	stratum	[str]
spes	[sp]	spretio	[spr]
splendeo	[spl]	sclopus	[skl]

Os grupos em (19) consistem em s seguido por uma oclusiva ou por um grupo de oclusiva-líquida. É importante ressaltar que essas constituições de ataque não são permitidas em PB e alguns processos fonológicos, como a epêntese, a exemplo de *stella* > estrela, ocorreram na passagem do latim para o português a fim de que fossem satisfeitas, no caso em questão, Condições de Língua Particular referentes à fonotática dos segmentos na sílaba.

Quanto à coda, no latim clássico, os elementos permitidos nessa posição são todas as consoantes com exceção de *kw*, *gw*, *f*, e *h*, os quais não são permitidos em final de sílaba. Alguns exemplos abaixo em (20)

(20)

sculptor	[lp]	indulxit	[lk]
temptare	[mp]	sanctus	[nk]
carptus	[rp]	arcto	[rk]

\*-rs, \*-rt, \*-lt, \*- nt

Em final de palavra, soantes e s podem ser seguidos por *t* flexional, como se vê no exemplo abaixo em (21).

(21)

vult

fert

sunt

est

Além disso, o s em terminação flexional, em posição de final de palavra, pode seguir qualquer consoante permitida em final de palavra e qualquer um dos grupos permitidos em final de sílaba. Seguem os exemplos.

(22)

hiemps	[mps]	ars	[rs]
urbs	[rbs]	puls	[ls]
*lps		frons	[ns]
falx	[lks]	inops	[ps]
coniunx	[ɲks]	audax	[ks]
merx	[rks]	*ts	

\*-rst, \* - lts, \*- nts

Com isso, tem-se uma visão geral das estruturas silábicas do português (ver seção 2.3.1) e da estrutura silábica do latim, a fim de compreender melhor os fenômenos que ocorrem na sílaba tanto de uma língua quanto de outra.

### 3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesse capítulo, tem-se a relação de trabalhos que versam sob o mesmo processo fonológico objeto de análise desse trabalho.

#### 3.1 O processo de metátese

Em comparação a outros processos, o de metátese não é estudado o mais estudado. Mesmo assim, se faz necessário apresentar trabalhos importantes acerca do processo tanto no PB como em outras línguas.

Blevins e Garret (2004) desenvolveram um trabalho sobre metátese à luz da Fonologia Evolucionária (Blevins, 2004) a qual um dos objetivos é buscar a simplificação dos modelos sincrônicos, desenvolvendo explicações diacrônicas foneticamente possíveis para os padrões fonológicos.

Chegaram à conclusão que a metátese de CC (consoante – consoante) surge para evitar grupos impronunciáveis e consoantes menos sonoras (com abertura menor) são sempre colocadas mais próximas de uma fronteira silábica e as consoantes mais sonoras mais próximas do núcleo silábico.

A partir dessas concepções sobre metátese as quais definem o processo que vai além da metátese entre Consoante-Vogal - apresentado anteriormente em Blevins e Garret (1998) - Blevins e Garret (2004) chegaram a quatro tipos de metátese elencadas logo abaixo em ( 23a-b)

(23)

- (a) metátese perceptual;
- (b) metátese compensatória;
- (c) metátese coarticulatória
- (d) metátese auditiva

O tipo a é quando no processo encontram-se traços de longa duração em cadeias multissegmentais que se espriam sobre uma cadeia inteira; o tipo b é prosodicamente condicionado, o que significa que traços em uma sílaba fraca migram

para uma sílaba forte; o tipo c surge em grupos de consoantes com o mesmo modo de articulação, porém com diferentes pontos de articulação, e resulta de uma coarticulação facilitada pelos gestos articulatórios compartilhados; e o último tipo resulta da segregação auditiva do barulho sibilante do resto da cadeia de fala.

Aplicando essa teoria ao português, é possível constatar apenas dois tipos de metátese: a *perceptual* e a *compensatória*. A primeira envolve o rótico na segunda posição de ataque complexo (CrV) ou em coda silábica (CVr). O segmento rótico pode migrar no interior de uma sílaba, tratando-se, portanto, de fenômeno que envolve a permuta posicional entre segmentos tautossilábicos adjacentes. Por envolver segmentos adjacentes, esse processo é também conhecido como metátese “local”. É o que acontece em *intre > inter* e *semper > sempre*. Os outros dois tipos não ocorrem em língua portuguesa. A metátese coarticulatória ocorre em sílabas com os quais não são possíveis em português, como é o caso de pk >kp e a articulatória em sílabas como sk >ks.

A relevância do trabalho de Blevins e Garrett (2004) para a presente pesquisa justifica-se pelo fato de os autores afirmarem que o fenômeno é um processo foneticamente natural, baseado precisamente nas mesmas hipóteses exigidas para entender outros fenômenos fonológicos, isto é, não há necessidade de criar uma teoria específica para esse fenômeno. Sendo assim, vai contra a ideia defendida pelos neogramáticos de que se trata de um fenômeno marginal e restrito a erros de fala, ou seja, é um processo que merece a mesma atenção dos demais.

É importante ressaltar sobre o trabalho de Blevins e Garrett (2004) o fato de que os autores desmistificaram uma ideia que se sustentava acerca de metátese desde os neogramáticos: a noção de que se tratava de um fenômeno marginal e restrito a erros de fala. Com essa pesquisa, eles mostram que o processo está no mesmo nível de importância dos demais e, assim, deve ser investigado e visto como um fenômeno natural da linguagem.

Outros dois estudos importantes que merecem destaque acerca desse processo são os de Hume (1997,2004).

Hume (op. cit.) apresenta o processo com uma proposta direcionada a partir de uma análise precisa feita em diferentes línguas do mundo. Segundo a autora, a

questão central em relação ao metaplasmo é a metátese de consoante / consoante, complementada, quando necessário, com dados de metátese consoante / vogal.

De acordo com sua proposta, a indeterminação estabelece os estágios para a ocorrência do fenômeno, isto é, os conhecimentos do padrão sonoro da língua influenciam como o sinal é processado e, assim, a ordem em que os sons são processados. Segundo Hume:

“Para ser específico, a ordem inferida do sinal é consistente com o que ocorre mais frequentemente na língua. Esta proposta é consistente com as primeiras especulações de Fay (1966: 88) ao considerar a metátese: ‘quando os ouvintes ouvem a fala que é esperada encontrar na língua nativa, suas identificações perceptuais são dirigidas por seu conhecimento das probabilidades seqüenciais na língua como também pelo estímulo acústico.’ (HUME, 2004, p.210).

Para Hume, entretanto, nem a natureza fonética dos sons envolvidos, nem a familiaridade com as sequências de sons da língua materna, isoladamente, são suficientes para oferecer uma consideração preditiva da por que algumas combinações de sons tendem a sofrer metátese, por que outras são favorecidas como o resultado dela, por que padrões de metátese diferem entre línguas, e por que a metátese ocorre em primeiro lugar.

No PB, destaca-se o trabalho desenvolvido por Hora, Monaretto e Telles (2010) no qual os autores mapeiam ocorrências de metátese na sincronia e diacronia do português, mostrando assim, que o português é uma língua em que o processo ocorre e que é preciso estudar essas ocorrências.

## 3.2. Aquisição do PB

### 3.2.1 Sobre aquisição da linguagem

No Brasil, especialmente no estado do Rio Grande do Sul, há uma tradição em pesquisas na área de aquisição da linguagem. Dentre muitos trabalhos destaca-se o de Matzenauer (1995), no qual a autora apresenta aspectos fundamentais para o entendimento de como esse processo, a aquisição, acontece nos primeiros anos de vida do falante.

Há várias possibilidades teóricas que podem servir de suporte para análises na aquisição, Matzenauer (*op. cit.*) propõe um estudo sobre a aquisição da fonologia pela criança com base na Teoria Autossegmental, a qual, conforme já foi explicitado em uma seção anterior desse trabalho, faz parte do grupo de estudos conhecidos como fonologia não-linear.

A autora afirma que o processo de aquisição fonológica acontece de forma gradual, isto é, a criança vai adquirindo aos poucos os sons da língua já que a aquisição fonológica se constitui em um processo extremamente complexo.

A representação fonológica formal pode explicar como a aquisição fonológica acontece, dessa forma, é possível visualizar melhor que mecanismos são responsáveis para que o sistema linguístico seja adquirido. A teoria Autossegmental, de Clements e Hume (1995) é capaz de formalizar as regras fonológicas por operações de ligação ou desligamento de linhas de associação na geometria de traços.

Diferentemente do que propunha o modelo gerativo clássico de Traços Distintivos, o qual foi inaugurado com a obra *The sound patterns of English* (doravante *SPE*), de Chomsky e Halle (1968), a proposta integrante da nova vertente de estudos de cunho fonológico, a fonologia não-linear, desenvolvida por Clements e Hume (*op. cit.*) apresenta como um dos seus aspectos fundamentais uma hierarquização entre os traços que compõem determinados segmentos das línguas. Essa teoria é capaz de mostrar generalizações linguísticas e comprovar a naturalidade de regras fonológicas.

A fim de representar essa hierarquia existente entre os traços, os quais tanto podem ser manipulados isoladamente quanto de forma solidária, Clements (1985, 1989, 1991) apresentou a Geometria de Traços.

Mesmo após inúmeras pesquisas sobre a aquisição da linguagem humana, Chomsky ainda encoraja a todos os pesquisadores dessa área a se perguntarem como um ser humano que obteve pouco contato com o mundo exterior pode desenvolver um sistema tão complexo como o da linguagem e ter conhecimento de estruturas tão complexas e abstratas.

Quem reforça essa reflexão é Macken (1995) que afirma ser complexo o processo de aquisição fonológica pela criança, e que causa certo espanto nas pessoas em geral o fato de que mesmo sendo algo tão abstrato, a criança tem a capacidade de desenvolver linguagem articulada mesmo antes de outros processos considerados mais elementares. Além da dificuldade de compreender como esse fenômeno ocorre, há ainda divergências a respeito do que a criança aprende e do que ela já nasce sabendo (conhecimento inato).

Partindo dessas reflexões acerca do processo de aquisição fonológico, Macken (op. cit.) examina duas questões importantes a esse respeito, a saber, (i) a estrutura que é adquirida e (ii) a relação entre aquisição e teoria. Além disso, ele defende que a capacidade de crianças e adultos é a mesma.

Na tentativa de explicar tais indagações, o autor parte do pressuposto de que a criança no período de aquisição passa por diferentes períodos os quais vão desde os efeitos do ambiente em que a criança está inserida até o período crítico. O mais importante é a natureza desses fatores.

O primeiro aspecto a ser considerado é a Tese de Identidade Forte que versa acerca de fatores extralinguísticos que influenciam na fala da criança, tais como, mudanças de som e discurso desordenado. De acordo com a teoria de Jakobson há uma pequena gama de universais binários que funcionam para diferenciar os elementos na linguagem natural.

Outro fator importante é a variação. Primeiramente, é importante ressaltar que há diferenças individuais na aprendizagem linguística das crianças. Para ilustrar esse fato, percebe-se que no estágio de aquisição as crianças usam apenas uma palavra

para se comunicar, mas também há aquelas que usam outras estruturas mais longas e de forma muito consistente. Sobre isso também é importante ressaltar que alguns segmentos que são ditos produzidos em estágio mais avançados de aquisição nem sempre podem aparecer em estágios anteriores. É o caso da produção de palato-alveolares no inglês, segundo Jakobson, só poderia ser produzido em estágio mais tardio de aquisição, porém em alguns dialetos a constatação não foi essa.

Contrariando o que foi afirmado por Jakobson e Chomsky, Piaget focalizou seus trabalhos as descontinuidades durante o desenvolvimento da linguagem. De acordo com ele, o pensamento da criança é qualitativamente diferente da do adulto, e, portanto, há quatro estágios durante esse desenvolvimento e que as anomalias de raciocínio em cada fase serão superadas em todos os domínios de conteúdo.

Qualquer teoria de aquisição deve incluir uma teoria de mudança, ambos descrevendo as mudanças que ocorreram e depois as explicar. Pesquisas mostram que excetuando mudanças anatômicas no trato vocal durante o segundo ano de aquisição, as palavras de crianças em estágios bem iniciais mostram a mesma estrutura adulta. O importante disso é saber se as crianças têm consciência de que suas palavras diferem das dos adultos e por que usam formas mais simplificadas. Muitas explicações podem ser compatíveis com a superfície: escolha aleatória, efeitos de contexto, limites de memória, inabilidade articulatória, entre outros.

A área de aquisição lida com várias questões metodológicas em pesquisas, nas quais se obtiveram a produção de palavras espontâneas, em diferentes contextos. Dados como esses podem ser caóticos quando tirados do contexto de um determinado sistema de uma criança, e muitas diferenças entre as crianças ocorrem por causa das diferenças de sistema. Segundo o autor, apenas dados longitudinais podem mostrar a natureza completa de uma estrutura. Todos os estágios de desenvolvimento e mudanças diacrônicas apontam possíveis estados sincrônicos.

Além das questões metodológicas o autor leva em conta também a capacidade de produzir palavras de tamanhos diferentes, restrições acústicas e restrições articulatórias, generalizações lexicais e unidades fonológicas.

Quanto às diferenças entre a fonologia adulta e infantil o autor aponta alguns problemas teóricos. Primeiramente, as crianças são uma fonte improvável de regras

particulares de mudança de linguagem, porque as crianças demoram a atingir a estrutura “certa”: elas aprendem a soar igual aos seus pais e presumivelmente têm as mesmas representações subjacentes e a mesma gramática na idade de cinco a seis anos geralmente. Segundo, os universais gerais de seus estágios dificilmente serão compatíveis com as diversificações das línguas ou línguas em particular. Terceiro, dado a educação cultural que a criança recebe não se pode levar em conta questões sociais.

Para descrever o desenvolvimento fonológico infantil, Menn e Stoel-Gamonn (1997) descrevem o itinerário de metodologias de estudo da aquisição da linguagem desde os primeiros estudos com diários até as pesquisas transversais que vigoram até hoje.

Sobre o período pré-linguístico, os autores consideram inicialmente o balbucio no qual a criança produz vocalizações vegetativo-reflexivas, em seguida, surgem alguns “arrulhos” e “gu-gus” de conforto e depois já passam a produzir formas mais próximas às do adulto com sílabas CV e padrões claros de entonação. Para Jakobson, o balbucio era “solilóquio egocêntrico, sem objetivo, da criança ...” (1968,p.22). Muitas visões de Jakobson sobre aquisição da linguagem receberam apoio com exceção dessa sobre o balbucio e a fala.

Em seguida, em relação à continuidade entre balbucio e a fala é dado por investigações longitudinais de crianças. Essas pesquisas mostram que há uma variabilidade entre crianças no que concerne ao ponto de articulação, formato silábico, e à duração da vocalização. Vihman (1992) documenta diferenças individuais na ocorrência de “sílabas praticadas” no balbucio e que estas mesmas formam o fundamento das primeiras palavras da criança.

Outro fator levantado pelos autores é o do papel do feedback. Os autores ressaltam a importância da prática na produção das vocalizações semelhantes à fala. Isso também é importante para o feedback pois os bebês são expostos a dois tipos de input vocal, a fala dos outros e suas próprias produções. Além disso, o circuito de feedback pode ajudar a criança a reconhecerem a linguagem adulta palavras que se assemelham a suas próprias formas balbuciadas.

Essas palavras são produzidas de forma esporádica, não-sistemática em sua relação com a forma adulta e são variáveis na pronúncia, podendo haver muitos homônimos. A criança pequena que faz uso da palavra-alvo adulta possui meios limitados a sua exposição. Se a palavra-alvo não fizer parte do conjunto de formas canônicas que a criança já domina, aquela pode ser tentada e evitada.

Sendo o processo de aquisição algo gradual, a criança vai ampliando as unidades linguísticas que produz ao longo do tempo. Conforme mostra o autor, a primeira unidade fonológica produzida pela criança é a palavra. Muito embora alguns autores tenham afirmado que a sílaba é uma unidade de construção de subpalavra, uma abordagem aplicada à sílaba pode ser limitada. A unidade de análise subpalavra apropriada é a forma canônica ou molde da palavra, que equivale a um *tier* (camada) esquelético da fonologia autosegmental adulta. No estágio inicial de aquisição a criança ainda encontra dificuldade em produzir enunciados de várias palavras, como as estruturas CVCV, por exemplo, *mama*, eram truncadas : *mama's key* era produzido como [mæki].

Em seguida, vem o momento em que a criança vai criando estratégias e começa a ter consciência metalinguística da fala, apesar de muitas vezes ainda não ter noção da imprecisão de suas tentativas.

A ordem de domínio dos fones e fonemas é variável entre as crianças; porém, cabe perguntar em que ordem as crianças adquirem os fonemas de sua língua materna. De acordo com os autores essa pergunta não é fácil de ser respondida, pois não há ordem típica ou universal de aprendizagem e aquisição de determinada língua ou das línguas do mundo. E, ainda, alguns investigadores deixam de fazer uma distinção cuidadosa entre quando as crianças dominam pronúncias apropriadas dos fones e quando as crianças apresentam evidências de aquisição de contrastes fonêmicos da língua. Nenhuma teoria geral é capaz de explicar o grau de variação observado e o grau de pontos comuns observados na aquisição dos fones e de contrastes fonêmicos entre as crianças.

A capacidade de pensar sobre a linguagem também ocorre de forma gradual e só se estabelece aos oito ou nove anos de idade. As crianças pequenas vêm a linguagem apenas como um meio de comunicação, com principal ênfase no conteúdo e no uso e não na forma de um enunciado.

Um fator também a ser considerado ao longo do processo de aquisição é a questão da consciência fonológica cujo papel que desempenha é fundamental no currículo de língua no nível da escola primária, especialmente na aprendizagem da leitura, e no desempenho nas tarefas de consciência fonológica é uma grande evidência no êxito ou no fracasso de aprendizagem de leitura.

Além de todos os fatores já mencionados, para compreender como se processa a aquisição, há diferentes modelos teóricos na fonologia. Existe também, a distinção entre a fonologia da criança e a do adulto. A diferença mais gritante entre ambas é a grande lacuna entre o que as crianças entendem e o que elas conseguem produzir. Essa lacuna é preenchida descrevendo-se regras ou processos que descreveriam as aproximações, pelas crianças, a palavras adultas. Os modelos de teorias – padrão da fonologia adulta por lidarem com questões do *output* produzido pela criança, diferentemente do que se pensava, não tem o objetivo de atingir a forma adulta como alvo, já que muitos *outputs* produzidos pelas crianças são “irregulares”, isto é, não se derivam de regras bem definidas.

Observa-se, no que respeita às teorias e modelos, uma evolução desde teorias linguísticas “puras” (passando por abordagens cognitivas lideradas por os quais afirmam que a criança tenta resolver de forma ativa o problema de “aprender a pronunciar” com recursos articulatórios inicialmente limitados. Em seguida, as abordagens conexionistas de sistemas auto-organizadores/dinâmicos, as quais defendem que as crianças possuem circuitos internos e externos de *feedback* para a aprendizagem de associações sequenciais e simultâneas.

É importante salientar, também, é oportuna para descrever restrições baseadas na sílaba e na palavra sobre as sequências de output de sons apresentadas por crianças pequenas (harmonia consonantal, formas canônicas). Além do que, a abordagem conceitual subjacente à fonologia autosegmental é útil porque pode estar estreitamente relacionada às exigências psicofisiológicas do controle motor articulatório seqüencial e da decodificação do sinal da fala de chegada que apresenta uma rápida variação.

Na teoria fonológica padrão considera-se que cada fonema de uma palavra consiste de um conjunto de traços que descrevem como ele é articulado e/ou como ele soa. No entanto, a abordagem segmental considera a palavra *duck* (pato), por

exemplo, como se consistisse de segmentos distintos {[d],[ʌ],[k]}; cada segmento é como uma “corda”, uma coluna vertical de traços. Já na teoria autosegmental, ao contrário, considera-se a palavra do ponto de vista “horizontal”, com várias melodias simultâneas. Cada melodia é a sequência de eventos que se relacionam a um (ou a um pequeno grupo) de traços ou articuladores.

A fonologia autosegmental é a que fornece um formalismo amplamente aceito; cada “melodia” é anotada em um nível horizontal separado, chamado de “camada” (*tier*). Para a descrição da maioria dos fenômenos da fonologia da criança, uma notação autosegmental simplificada é adequada: o *tier* da raiz, um *tier* esquelético (cv) que fornece a estrutura silábica da palavra, um *tier* do ponto (= ponto de articulação) para as consoantes, um *tier* da nasalidade, um *tier* laríngeo e um *tier* vocálico.

Com isso, nota-se que essa teoria pode explicar os fenômenos fonológicos aplicados à aquisição da linguagem, pois formaliza de forma simples e econômica os processos fonológicos e as mudanças linguísticas pelas quais a criança vivencia ao longo do período de aquisição. Portanto, a partir do que a literatura da área aponta até o momento, o uso dessa teoria nesse trabalho é justificada tanto na sincronia (aquisição) quanto na diacronia.

### 3. 2. 2 Trabalhos anteriores sobre metátese

A aquisição da linguagem tem importantes colaborações nas pesquisas linguísticas, pois evidencia as mudanças linguísticas a partir da fala das crianças e oferece vestígios sobre os estágios de desenvolvimento pelos quais a criança passa na aquisição de sua língua materna.

No que concerne à aquisição da fonologia do português, há um bom número de estudos que expõem diferentes tipos de pesquisas em aquisição. Quanto à aquisição fonológica é importante destacar o trabalho de Matzenauer (1990), o qual demonstra o papel ativo das crianças no processo de aquisição por utilizarem várias estratégias para chegar ao sistema fonológico do adulto. Por isso, o sistema linguístico das crianças vai passando uma série de transformações até atingir o sistema almejado, isto é, o sistema adulto.

As teorias fonológicas conseguem explicar os resultados de pesquisas de aquisição de linguagem, mostrando como as crianças conseguem inserir novos processos à medida que vão se aproximando do sistema de sua língua materna.

Há importantes trabalhos na área de aquisição da fonologia de LM que explicam, à luz de renomados modelos teóricos, os processos de metátese e epêntese encontrados na fala das crianças durante o processo de aquisição do português. Entre eles destacam-se as pesquisas feitas por Mezzomo (2003), sob o enfoque da teoria dos Princípios e Parâmetros, a respeito da aquisição por crianças brasileiras dos processos fonológicos presentes na coda do português, e Redmer (2007), acerca da aquisição de metátese e epêntese usando como suporte a teoria da Otimidade.

Mesmo os trabalhos já referidos serem de muita importância, é preciso dar um destaque para o trabalho realizado por Zitzke (1998). Nessa pesquisa, à época umas das primeiras a tratar especificamente a respeito de metátese na aquisição, são analisadas as ocorrências desse fenômeno na fala de crianças entre 2:0 e 7:0 anos, em um total de 31 faixas – etárias. De acordo com a autora, as metáteses nessa pesquisa, ocorreram em todas as faixas etárias, apenas excetuando a faixa 30, atuando também em segmentos e estruturas considerados de aquisição tardia.

Em Redmer (op.cit.), foi constituído um *corpus* de dados de 220 crianças, com desenvolvimento fonológico normal, com idade entre 1:3 e 4:2 anos. De acordo com Redmer, os resultados de sua pesquisa apontaram que as crianças aplicaram os processos de metátese e epêntese ao se confrontarem com estruturas silábicas consideradas complexas, constituídas, na sua maioria, por estruturas como CCV e CVC.

No trabalho de Mezzomo, foram analisados fenômenos presentes na aquisição da coda silábica do português, entre eles, a metátese e a epêntese. Com a aquisição progressiva de elementos que compõem a coda silábica é possível perceber o uso de, assim como a autora se refere, estratégias de reparo, isto é, a criança vai adaptando a estrutura silábica de acordo com o tipo de sílaba que pode produzir, sendo assim, ainda de acordo com Mezzomo, na primeira fase de aquisição há a simplificação do onset complexo, a não realização da sílaba átona, a não realização da coda, a não realização de segmentos em onset simples, metátese, epêntese, alongamento compensatório e coalescência.

Para apresentar o uso dos processos fonológicos alvo dessa pesquisa, metátese e epêntese, no trabalho desenvolvido por Mezzomo (op.cit.), foram analisados os dados de fala de 170 crianças, 85 meninas e 85 meninos, os quais variavam de idade entre 1:2 e 3: 9; 29.

Além desses, também é importante ressaltar o trabalho de Lima (2005) pesquisa na qual foram analisados processos fonológicos encontrados na aquisição do Português Europeu, em crianças com idades entre 3 e 7 anos. No que diz respeito à metátese e à epêntese a autora apontou dados de forma quantitativa, mostrando quais processos mais apareceram na aquisição do PE.

Outro trabalho importante é de Araújo (2011), em que foi desenvolvida uma pesquisa sobre metátese desde a aquisição até a fala adulta. Mostrando diferentes pesquisas relacionadas ao português europeu, Araújo fez um retrospecto do processo fonológico em diferentes aspectos linguísticos. No que respeita à aquisição do português, nesse trabalho são apresentadas especificidades da aquisição fonológica do português, as quais também serão citadas nesse trabalho na sessão 2.4 sobre a sílaba do PB. Especificamente sobre metátese, Araujo (2011) explica, a partir da Teoria da Otimidade.

### 3.2.3 O processo de metátese na aquisição

Na pesquisa de Zitzke (op.cit.) a autora classificou como tipos de metátese: a silábica, a intersilábica e intersilábicas recíprocas. A metátese silábica, de acordo com a autora, é quando uma consoante sai de sua posição inicial e vai ocupar outro lugar dentro da mesma sílaba, como se pode ver em (24a). A metátese intersilábica é aquela em que a consoante migra de uma sílaba para a outra. Diferente da metátese silábica, a consoante pode ou não ocupar a mesma posição que ocupava dentro da sílaba onde saiu, conforme pode ser visto em (24b). A metátese intersilábica recíproca é a que duas consoantes permutam seus lugares, sem alterar a estrutura silábica de nenhuma das sílabas, o que se vê no exemplo (24c).

(24)

(24a)

Cobra → ['kobar]

(24b)

Cobra → ['kroba]

(24c)

Amarelo → [ama'leru]

Para Redmer (op.cit.) a metátese também pode ser classificada como Metátese Segmental e Metátese Silábica. Na metátese segmental, podem ser analisadas as metáteses intersilábica e intrassilábica. A Metátese Segmental Intersilábica é aquela em que ocorre a troca na ordenação de um segmento por outro, envolvendo diferentes sílabas da palavra. A Metátese Segmental Intrassilábica, por sua vez, é aquela em que a reordenação envolve os constituintes de uma sílaba, tomada como uma unidade da fonologia da língua. E, por fim, a Metátese Silábica é a inversão de sílabas de uma mesma palavra. É possível visualizar esses conceitos a partir dos exemplos que seguem, em (25a-b).

(25a) Metátese Segmental

(25a') Metátese Segmental Intrassilábica

escova → [si'kova]

(25a'') Metátese Segmental Intersilábica

pato → ['tapu]

## (25b) Metátese Silábica

capacete → [kase'patʃi]

Já a metátese, para Lima, se divide em dois tipos – silábica e transsilábica.

Aquela se refere ao segmento que migra para outra posição na mesma sílaba, conforme (26a). Esta diz respeito ao segmento que migra para as sílabas adjacentes, como se pode observar em (26b).

## (26 a) Silábica- quando o segmento

*corcodilo* para crocodilo

## (26b) Transsilábica –

*fotogafria* para fotografia

As definições citadas por Mezzomo (2003) de metátese não diferem das já apresentadas aqui. A autora apresenta outros exemplos de ocorrência dos fenômenos como pode ser visto em (27a).

## (27)

## (27a)

verde → [ˈvredʒi]

Já a metátese, para Lima, se divide em dois tipos – silábica e transsilábica. Aquela se refere ao segmento que migra para outra posição na mesma sílaba, conforme (28a). Esta diz respeito ao segmento que migra para as sílabas adjacentes, como se pode observar em (28b).

## (28a) Silábica

*corcodilo* para crocodilo

## (28b) Transsilábica

*fotogafria* para fotografia.

Todos os trabalhos citados acima são de grande importância para essa pesquisa, pois, conforme já dito anteriormente, servem de base para o que for encontrado aqui e reforçam a relevância de pesquisas como essa, isto é, da necessidade de pesquisar sobre ambos os processos fonológicos.

### 3.3 Mudança

#### 3.3.1 Diacronia do português e mudança

Borges (1996) trata da ocorrência do processo fonológico de assimilação tanto na aquisição quanto na diacronia do PB. A pesquisa desenvolvida por Borges (*op. cit.*) é fulcral para o presente trabalho, pois é o único trabalho de dissertação realizado no Brasil que possui a mesma configuração que esse e, portanto, serve de base para a realização da presente pesquisa

Além disso, Borges (*op. cit.*) defende pesquisas as quais o viés diacrônico da língua seja abordado e, com os dados apresentados, mostra que a relação entre diacronia e sincronia pode ser muito vantajosa para comprovar a naturalidade dos processos linguísticos. Nesse trabalho, muitos dos autores aqui utilizados também serviram de base para o desenvolvimento da pesquisa, tanto na diacronia quanto na aquisição do PB.

No trabalho referido acima, foram analisados na diacronia, 18 obras, entre gramáticas históricas e obras que descrevem processos do latim para o português. Na parte relacionada à aquisição da linguagem, foram analisadas as falas de 52 crianças, entre 2:0 e 7:0, totalizando 13 faixas –etárias.

Primeiramente, os dados foram analisados, com base na teoria de traços distintivos de Chomsky e Halle (1968), separadamente. Ao final, foram comparados os dados encontrados e suas motivações em cada realidade da língua (sincronia e diacronia).

Nota-se que há muitas semelhanças entre o trabalho de Borges e o trabalho ora mostrado. Isso justifica a referência do primeiro e por que deve ser usado como base e inspiração para essa pesquisa.

Para o presente trabalho, foram consultadas obras tais como Coutinho (1978),

Nunes (1945), Said Ali (1965), Silva Neto (1956, 1988) e Sá Nogueira (1958) que, de forma mais detalhada, apresentam os fenômenos foco desta pesquisa – metátese.

### 3.3.2.1 Diacronia do português e o processo de metátese

De acordo com Coutinho (1978, p.149) metátese é o fenômeno de transposição de um fonema que se pode verificar na mesma sílaba ou entre sílabas como pode ser visto em *supre > sobre; semper > sempre*. Para Nunes (1945, p.163) trata-se de um processo glotológico que consiste em deslocar uma vogal para junto da tônica, com a qual forma um ditongo, quer uma consoante só ou duas, que se substituem mutuamente; no primeiro caso ela é chamada de *simples* e no segundo caso se chamará de *recíproca* (especialmente sobre o *r*) é o que acontece em *paito > pátio; saclairo > sacrário*.

Para o estudioso Sá Nogueira (1958, p.109), a metátese pode se dividir em três definições diferentes: *progressiva*, quando há transposição de um fonema de esquerda para a direita em um vocábulo presente em *fernesin > frenesim*, *regressiva*, quando há transposição de um fonema da direita para a esquerda que pode ser visto no exemplo *Antoino > Antonio* e *recíproca*, quando envolve fonemas de um mesmo vocábulo como é o caso de *calanização > canalização*.

Said Ali (1968) aponta que no português antigo era comum a metátese envolvendo a líquida vibrante, a justificativa para tal acontecimento era a busca pela contiguidade com outras consoantes, como por exemplo, *t,p,f*. Ainda segundo esse autor, a maior parte de casos de reordenamento ocorre ou apenas com o rótico /r/ ou envolvendo o rótico e a lateral /l/, mas há, no português arcaico, a transposição de /d/, segundo registra Silva Neto (1956, p.221).

### 3.3.2.2 Appendix Probi e o Latim Vulgar

O latim vulgar era a língua falada, viva e usada por pessoas de diferentes classes sociais. Constituíam-se de forma não uniforme, nem no seu aspecto social ou cronológico nem geográfico e recebeu marcas dos substratos dominados. Com isso, a língua latina sempre existiu em condição de instabilidade, evoluindo de diversas

formas em diferentes localidades dominadas pelos romanos. Segundo Said Ali (1966, p.17), as línguas românicas “originaram-se do latim, não do latim literário, que em muitos pontos era linguagem artificial, e sim do latim vulgar, isto é, da língua viva, do latim falado”.

Silva Neto (1956, p.31) atesta exemplos da ocorrência de metátese no latim falado, denominado *sermo usualis*, o que pode ser comprovado no *Appendix Probi* (séc. IV d.C).

O *Appendix Probi* é considerado um importantíssimo documento, pois aponta ocorrências de fenômenos da língua falada, sendo nesse caso, o latim vulgar. Sua importância pode ser constatada pelo fato de registrar formas espontâneas da língua e possibilitar perceber as transformações fonológicas que ocorreram ao longo do tempo em que o latim era vigente.

Para reafirmar a importância do estudo fonológico-diacrônico como este, Saussure (1989, p.115), que afirma que “tudo quanto seja diacrônico na língua, não é senão pela fala”.

### 3.4 Relação entre aquisição e mudança

Para Kyparsky (1975), o interesse pelos estudos em Linguística Histórica é o de compreender como as línguas se transformam e a natureza dos processos pelos quais as línguas passam em sua evolução.

A análise da história das línguas, segundo o autor, é constituída pela história das línguas específicas, de preferência as bem documentadas. A análise tem objetivo de formular, à base de transformações observadas, a mais precisa das caracterizações das “transformações possíveis” a que está sujeita uma língua. Isso implica na distinção de tipos de mudanças, tais como as transformações de sons e a analogia, e implica, também, na localização das condições e das limitações que possam afetar cada um desses tipos.

O autor também pondera que o linguista que escolher o caminho da linguística histórica aprende a intuir quais sejam as condições e limitações para esse tipo de

pesquisa, mas nem por isso se capacita, necessariamente, para formalizá-las, o que de acordo com ele seria o mais desejável.

Segundo Kyparsky (*op. cit.*) as pesquisas que focalizam o contexto social de fala e a aquisição da fala da criança, complementam a abordagem dessa questão fundamental que é a questão das mudanças linguísticas. As pronúncias variantes podem conter conotações sociais capazes de influenciar o curso das mutações lingüísticas. A criança recria a língua, a partir de um esforço intelectual gigantesco, cuja maior parte é realizada entre o segundo e quinto anos de vida. De acordo com o autor, tudo leva a crê que certos tipos de mudança têm raízes nessa contínua recriação da linguagem.

Para exemplificar a maneira como as línguas mudam com o tempo, e a influencia do contexto social sobre elas, o autor utiliza as mudanças fônicas. Partindo dos pressupostos gerativistas os quais defendem a existência de uma *performance*, isto é, a realização ou o desempenho que dizem respeito à produção e percepção da fala, e a *competence*, competência, que diz respeito à estrutura gramatical da língua.

Teorias linguísticas afirmam que as mutações fônicas se originaram fora do sistema linguístico, mediante modificações de pronúncia ocasionadas por fatores externos que acabam por repercutir na realização. Esse processo pode ser esquematizado da seguinte forma: com a relação ao apagamento do som [k] antes de [n] na língua inglesa, antes de ter ocorrido qualquer mutação na gramática, vários falantes começaram a pronunciar frouxamente o [k] em palavras como *knot*, chegando por vezes, a omiti-los inteiramente. Depois que essa tendência tornou-se geral, essa pronúncia passou a ser encarada como padrão e a própria gramática sofreu alterações, para incorporá-la.

A história fonológica de uma língua pode ter estado submetida, em grande parte, a vários processos gerais de enfraquecimento, simplificação, etc. O fato, todavia, é que um número excessivo de mutações fônicas não pode, ainda, ser explicado nos termos dessa tendência para a maior facilidade de articulação; esses casos são suficientemente numerosos para evitar que tomemos a regra do menor esforço a causa geral de mutações.

É importante ressaltar o papel da aquisição da linguagem nas mudanças linguísticas. Deve ser considerado o fato de que a língua quando é aprendida pela criança não é um produto acabado, ou seja, ela é reconstituída pela criança a partir de um produto bruto fornecido pelo ambiente. Para que isso ocorra, a criança deve lançar mão de algum esquema inato, que lhe dê as primeiras noções sobre o que seja a língua. A aquisição da língua equivale, para a criança, a um ato individual de criação. Além disso, ela aprende a língua materna na ignorância completa de sua história; a criança é o linguista sincrônico *par excellence*.

Um exemplo para melhor entender o que foi dito acima pode ser visto quando a criança ouve [nəyf] (faca em inglês) que é a forma falada da palavra *knife*. Ela não tem como pressupor uma forma básica iniciada por [k], nem por que elaborar uma regra de apagamento do [k] inicial diante de [n]. A sincronia não lhe dá nenhum motivo para tanto, e a história simplesmente não conta. A gramática de uma língua não se pode ser pré- julgada pelas considerações históricas, sua elaboração deve ater-se exclusivamente aos fatos históricos das línguas.

Com isso, conclui-se que as regras adicionadas às gramáticas pelas mutações fônicas só se manterão na língua na medida em que haja uma consideração sincrônica que a justifique. Um falante britânico que pronuncie, por exemplo, *star*, obliterando, o [r], possui, ainda assim, esse [r], na forma básica da palavra *se*, de fato, pronuncia *the star explodes*, com [r]: a gramática desse falante inclui uma regra para operar a queda do [r] no contexto vogal – consoante ou pausa. Se não houver nenhuma justificativa sincrônica para tal ocorrência, as mudanças da gramática serão simplesmente incorporadas nas formas básicas e as regras desaparecerão da língua.

A partir dessas considerações há uma indagação pertinente feita pelo autor: como conciliar as questões sobre as mudanças fônicas com a velha afirmação de que a história de uma língua é irrelevante em relação à sua gramática? A utilização, que se advoga, das evidências históricas, pode parecer, incompatível com a própria noção de Linguística Sincrônica. Há, na verdade, duas considerações diferentes, as quais se apoiam mutuamente. Uma diz que a descrição de uma língua em particular não deve ser fundamentada na história dessa língua, mas na sua estrutura sincrônica. A outra diz que as propriedades gerais das mutações linguísticas constituem parte dos dados sobre os quais deve assentar-se uma teoria linguística, e que a descrição de uma

língua em particular se efetua por referência a uma teoria geral da linguagem. Assim, os fatos históricos podem tornar-se pertinentes para a descrição, por intermédio das teorias de mutação da gramática da língua.

#### 4. METODOLOGIA

O presente capítulo versa sobre a metodologia de que se lançou mão na pesquisa: apoio e dos procedimentos utilizados para a coleta de dados, dos critérios para a escolha dos informantes, e do método de análise utilizado.

##### 4.1 Dados da Diacronia

Os dados que compõem o trabalho fazem parte de um *corpus* correspondente a cada parte da pesquisa. Na diacronia, foram retirados de obras que registram os fenômenos que ocorreram na passagem do latim para o português. Entre tantas publicações que versam sobre essa questão foram consultadas gramáticas históricas e livros que tratam da diacronia do português e que explicam as transformações no latim vulgar.

##### 4.2 Dados de aquisição

No que diz respeito à aquisição, o *corpus* analisado faz parte do Banco de Dados AQUIFONO, coordenado pelas professoras doutoras Carmen Lúcia Matzenauer, da UCPEL, e Regina Lamprecht, da PUCRS, respectivamente. Os dados do AQUIFONO, coletados de forma transversal, abarcam as produções de 310 crianças, divididas em 31 faixas etárias, entre 2:0 e 7:0 anos de idade. Para a presente pesquisa foram analisados os dados de 52 crianças originalmente classificadas sob as mencionadas 31 faixas etárias. As faixas foram armazenadas posteriormente, em virtude de as faixas originais não possuírem dados suficientes para serem submetidos ao programa de análise estatística. As novas faixas estão explicadas na seção seguinte.

O banco de dados<sup>1</sup> utilizado nessa pesquisa é considerado um dos mais importantes do Brasil e já usado em muitos trabalhos que investigaram processos em aquisição da linguagem.

#### 4.3. Método de Análise

Os dados de aquisição foram submetidos à análise estatística no programa GoldVarb (versão 3.b03).

Antes de serem submetidos ao programa, os dados foram codificados de acordo com os fatores pré- estabelecidos pelo pesquisador, baseando-se em leituras prévias que versam sob o mesmo processo aqui estudado. Esses fatores serão explicitados no item 3.4.

O programa foi desenvolvido por Steve Harlow, que tomou como base a versão anterior, GoldVarb 2.0 de Rand & Sankoff (1990) para Macintosh. O GoldVarb foi desenvolvido na Universidade de York, como um projeto colaborativo entre o Departamento de Língua e Linguística e o Departamento de Ciências da Computação. (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001). Por ser um *aplicativo .exe* (executável) não necessita de instalação ou de outros programas para complementá-lo.

Os resultados da análise obtidos através do GoldVarb, são evidências que vão auxiliar ao pesquisador confirmar ou não sua hipótese inicial. Assim, se um fenômeno linguístico tem seus grupos de fatores apontados como não significativos pelo programa, a hipótese é rejeitada, se os grupos de fatores são significativos, mas a influência dos fatores não é como se previu no valor de aplicação, a hipótese também é rejeitada, se os grupos de fatores são significativos e a influência dos fatores é como a prevista no valor de aplicação, a hipótese é confirmada.

O programa é formado por um conjunto de 10 arquivos, sendo que somente 5 deles são necessários para uma análise de regra variável, em outras palavras, os dados coletados são submetidos unicamente aos arquivos: *Tokens*, *Conditions*, *Cell*

---

<sup>1</sup> A pesquisadora não teve acesso a todo o Banco de Dados, apenas parte dele o qual corresponde à coleta de dados realizada pelo Prof. Paulo Borges na sua pesquisa desenvolvida em 1996, em que investigou o processo de assimilação.

e *Result*. Em um primeiro momento, cria-se um arquivo de codificação de dados (\*.tkn), um arquivo de condições (\*.con), que contém o número de variáveis que foram trabalhadas, e um arquivo de especificações (\*.cell), onde devem ser explicitados os fatores das variáveis dependentes e independentes (lingüísticas e extralingüísticas).

Encerrada essa etapa, o arquivo *Check tokens*, criado para detectar erros de codificação do arquivo de dados verifica se não há erros na codificação.

Por fim, também em *Cells* foi possível obter os resultados finais a partir do item *binomial up and down*. Primeiramente, o arquivo apresenta os percentuais e depois a análise estatística. Ao acabar a análise *up*, o programa indicou quais fatores foram selecionados e no final do *down*, indicou quais foram descartados e as rodadas do *up and down* que tiveram os melhores resultados. É da rodada do *up* indicada que foram retirados os dados.

Na seção a seguir, será relatado como foram definidos os fatores utilizados no programa.

#### 4.4. Definição das variáveis

As variáveis apresentadas nesta seção são de dois tipos, variável dependente e variáveis independentes, as quais são de caráter linguístico e extralingüístico.

##### 4.4.1 Variável dependente

A variável dependente da análise consistiu em metátese intersilábicas. Os outros tipos de metátese, a saber, intrassilábicas e recíprocas foram deixadas para outra oportunidade, já que os dados de intersilábicas mostraram-se mais abundantes tanto na aquisição quanto na diacronia. As metáteses silábicas não foram consideradas, pois apresentaram ocorrência muito baixa em nos contextos analisados.

Para fazer a análise no programa computacional, determinou-se que a aplicação do processo de metátese intersilábica seriam computadas como (1), valor que o programa de análise linguística multivariada codifica para aplicação do fenômeno linguístico foco de análise, e o valor (0), destinado à não aplicação da

regra, sob esse rótulo se encontram as demais ocorrências de metátese e os dados referentes a outros processos fonológicos (cf. assimilação, epêntese).

#### 4.4.2 Variáveis independentes

##### 4.4.2.1 Variáveis linguísticas

A escolha dos fatores a seguir apresentados justifica-se pelo fato de a literatura base deste trabalho tê-los apontado como relevantes à ocorrência do processo de metátese. Conforme refere Zitzke (*op. cit.*), os fatores *estrutura silábica* e *número de sílabas na palavra* são ambientes mais propícios à ocorrência do processo em pauta. Também confirma Redmer (*op. cit.*) que tais fatores se apresentam favoráveis principalmente em relação aos traços dos elementos passíveis de ocorrência quanto aos elementos da sílaba seguinte a que o fenômeno ocorre.

A presente pesquisa controlou, assim, as seguintes variáveis linguísticas:

a) Tonicidade da sílaba do segmento passível de metátese:

- sílaba pretônica
- sílaba tônica
- sílaba postônica

b) Estrutura da sílaba do segmento passível de metátese:

- sílaba aberta
- sílaba fechada

c) Número de sílabas da palavra:

- dissílabo
- trissílabo
- polissílabo

d) Posição na sílaba do segmento passível de metátese:

- onset

- coda

e) Segmento alvo de metátese quanto ao modo de articulação:

- plosiva

- fricativa

- nasal

- líquida lateral

- líquida não-lateral

f) Segmento alvo de metátese quanto ao ponto de articulação:

- [labial]

- [coronal]

- [dorsal]

g) Consoante onset da sílaba seguinte àquela do segmento alvo de metátese quanto a ponto de articulação:

- [labial]

- [coronal]

- [dorsal]

- não-existe

h) Consoante onset da sílaba seguinte àquela do segmento alvo de metátese quanto a modo de articulação:

- plosiva

- fricativa

- nasal

- líquida lateral

- líquida não-lateral
- não-existe

#### 4.4.2.2 Variável extralinguística

A variável extralinguística empregada nesta pesquisa constitui-se das faixas etárias dos informantes da pesquisa, entre 2:0 e 7:0 anos, conforme já mencionado no item 3.2.

- Variável relativa à faixa etária:

- Fx 1 -> 2:0 – 2:5
- Fx 2 -> 2:6 – 2:11
- Fx 3 -> 3:0 – 3:5
- Fx 4 -> 3:6 – 3:11
- Fx 5 -> 4:0 – 4:5
- Fx 6 -> 4:6 – 4:11
- Fx 7 -> 5:0 – 5:5
- Fx 8 -> 5:6 – 5:11
- Fx 9 -> 6:0 – 6:5
- Fx 10 -> 6:6 – 6:9
- Fx 11-> 6:10– 7:1

É possível notar-se que a organização das faixas etárias não corresponde àquela originalmente proposta. Essa alteração se deveu ao fato de os dados terem sofrido uma amalgamação, a fim de que o corpus levantado pudesse ser submetido ao GoldVarb; caso contrário, corria-se o risco de os dados não rodarem, dada a pouca ocorrência em cada faixa etária.

A seguir, tem-se a descrição dos dados linguísticos submetidos ao GoldVarb.

## 5. DESCRIÇÃO DOS DADOS

### 5.1 Dados de Aquisição

Na descrição e análise desse trabalho serão apresentadas somente as metáteses intersilábicas, pois essas se mostraram em quantidade mais expressiva em relação aos outros tipos de metátese, a saber, metáteses intrassilábicas e transilábicas, essas, por sua vez, não foram consideradas já que houve apenas duas ocorrências.

Na tabela, a seguir, tem-se a relação dos tipos de metátese computados e o número de ocorrências de cada uma delas, em termos de percentuais.

TABELA 1 – Relação de metáteses intersilábicas e intrassilábicas

Tipo de metátese	Apl/Total	%	Exemplos
Metátese Intersilábica	76/157	48,7	[ˈpɾɛda] para <u>pedra</u>
Metátese Intrassilábica	54/157	34,3	[kɔ̃baɾ] para <u>cobra</u>

Como é possível visualizar na tabela acima, os dados de aquisição que foram levantados para a presente pesquisa apresentaram um percentual de metáteses intersilábicas na casa de 50%, aproximadamente; ao passo que as intrassilábicas alcançaram um número menor de ocorrências, em torno de 35%. O mesmo ocorreu com os dados de diacronia consultados, conforme será explicado posteriormente.

Outra categoria que também apresentou diferenças foi a que diferencia metáteses regressivas de progressivas. Essa categoria explicita a direção que o segmento metatizável toma na palavra ou na sílaba. Na tabela a seguir, há exemplos de ambos os tipos.

TABELA 2 – Metáteses intersilábicas regressivas e progressivas

Tipo de metátese	Apl/Total	%	Exemplos
Regressiva	44/47	98	[a.'sur.ka] por açúcar
Progressiva	32/65	49	['pɛ.gru] por prego

Conforme demonstrado na tabela 2, o número de metáteses intersilábicas regressivas apresentou maior ocorrência que as metáteses progressivas. Essa variável foi submetida ao programa GoldVarb, juntamente com outras variáveis que serão apresentadas; porém, não foi considerada pelo programa pois apresentou *Knockout*, em razão de uma das variantes que estava sendo controlada ter apresentado 100% de aplicação.

Em seguida, tem-se a explicação das variáveis submetidas ao programa GoldVarb.

## 5.2 Variáveis consideradas pelo programa GoldVarb

No presente capítulo, tem-se a dos dados de aquisição dessa pesquisa, os quais foram submetidos ao programa computacional *Goldvarb* (capítulo 3), dando-se atenção especial às variáveis selecionadas pelo programa, no que concerne às metateses intersilábicas em dados de aquisição.

Primeiramente, consideram-se as variáveis selecionadas pelo programa já mencionado, e, em seguida, foram arroladas aquelas que se sobressaíram no confronto entre a aplicação do processo de metátese (1) versus a não aplicação desse processo (0).

Dos doze fatores selecionados pelo programa esse foram o que mostraram –se mais favorecedores : subfator 3, o qual corresponde à variável “número de sílabas na

palavra”, subfator 2 que corresponde à “Estrutura da sílaba envolvida”, subfator 7, que corresponde a “consoante *onset* da sílaba seguinte àquela do segmento passível de metátese quanto ao ponto de articulação ” e, por fim, o subfator 8 com o qual se relaciona a “consoante *onset* da sílaba seguinte àquela do segmento passível de metátese quanto ao modo de articulação”. A ordem dos fatores acima elencados corresponde à seleção feita pelo programa, apresentando as que se mostraram mais favorecedoras ou não à aplicação do processo estudado. A seguir, cada variável será explicada separadamente, de acordo com a ordem de seleção pelo programa computacional.

### Variável 3

TABELA 3 – Número de sílabas na palavra

Fatores	Apl/Total	%	Peso Relativo
<b>Dissílabo</b> [‘pɛr.da]	37/87	42,5	0.74
<b>Polissílabo</b> [ze.la.’le.da]	15/95	15,8	0.28

Como é possível ver, na Tabela 3, a variante *dissílabo* foi a que SE mostrou mais favorecedora à aplicação do processo de metátese intersilábica, com peso relativo de 0.74 .Por outro lado, a variante *polissílabo*, referente a palavras de mais de três sílabas não se mostrou favorável à realização de metáteses intersilábicas, haja vista o peso relativo de 0.28, muito abaixo do ponto neutro (0.50).

### Variável 2

TABELA 4– Estrutura da(s) sílaba(s) envolvida(s)

Fatores	Apl/Total	%	Peso Relativo
<b>Sílaba Fechada</b> [a.’sur.ka] para açúcar	10/81	12	0.25
<b>Sílaba Aberta</b> [‘ta.tror] para trator	66/208	31,7	0.60

Na Tabela 4, observa-se a influência da estrutura silábica na atuação do processo investigado. De ambos os subfatores, sílaba fechada e sílaba aberta, o que demonstra ser esse tipo de estrutura favorecedora da ocorrência de metáteses intersilábicas por apresentar um peso relativo de 0.60, foi o de sílaba aberta. No entanto, em se tratando de sílaba fechada não mostrou - se favorecedor para a ocorrência do processo fonológico já mencionado, considerando seu peso relativo baixo de 0.25.

Variável 3

TABELA 5 – consoante da sílaba seguinte àquela do segmento passível de metátese quanto ao ponto de articulação

Fatores	Apl/Total	%	Peso Relativo
<b>[labial]</b>	6/27	22	0.60
<b>Não existe</b> <b>['prɛ.da] para</b> <b>pedra</b>	34/102	33	0.62
<b>[dorsal]</b> <b>[pɛr.gu] para</b> <b>prego</b>	3/30	10	0.12

Na Tabela 5, pode ver-se os pesos relativos das variantes selecionadas pelo programa, com respeito à variável *ponto de articulação da consoante seguinte em onsete*. A variante mais relevante é a que respeita às consoantes não existentes, cujo peso relativo é 0.62. Apesar de a porcentagem do fator labial ser de 22% e do fator coronal ser de 25%, ou seja, muito próximas, o peso do primeiro mostrou-se maior (.60) e, portanto, foi considerado mais favorecedor para a ocorrência do processo alvo de investigação, ao passo que o peso do segundo foi de apenas 0.49.

A justificativa para o fator “não existe” ter ocorrido em um número considerável pode ser relacionado com um dos fatores já expostos nessa seção, na Tabela 3. Como pode ser visto no item 4.1, as palavras dissílabas são bastante favorecedoras para desencadear o processo de metátese, e, como em muitos casos o segmento passível de movimentação na sílaba encontrava-se no limite da palavra, no momento da análise, não havia uma sílaba seguinte a ser analisada.

Por fim, o fator dorsal não mostrou-se suficientemente relevante para o desencadeamento do processo aqui avaliado, em virtude de seu peso relativo ser de apenas 0.12.

#### Variável 4

TABELA 6 – Variável consoante *onset* da sílaba seguinte àquela do segmento passível de metátese quanto ao modo de articulação

<b>Fatores</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Plosiva [kubli] para clube</b>	22/75	29	0.68
<b>Fricativas [mi.ko.'fro.ni] Para microfone</b>	3/31	10	0.18

Na Tabela 6, fica claro que as consoantes plosivas colaboram mais do que as outras elencadas para que ocorra a metátese, haja vista que esse fator apresenta o peso maior, de 0.68. Outros fatores como as nasais e as líquidas laterais e não-laterais não possuem um papel considerável, por isso não foram considerados. Quanto às fricativas, por possuírem o peso muito baixo (0.18), não representam um aspecto desencadeador do fenômeno investigado.

O quadro a seguir apresenta os fatores mais favorecedores à ocorrência de metáteses intersilábicas em dados de aquisição.

#### QUADRO 1– Variáveis favorecedoras

- Número de sílabas da palavra:

**dissílabo**

- Estrutura da(s) sílaba(s) envolvida(s):

**aberta**

- Consoante *onset* da sílaba seguinte àquela do segmento passível de metátese quanto a ponto de articulação:

**[labial]**

-Consoante *onset* da sílaba seguinte àquela do segmento passível de metátese quanto ao modo de articulação:

**Plosiva**

É importante destacar que houve *knockouts* nas rodadas do programas em relação aos fatores tonicidade, direção e elemento envolvido na ocorrência de metátese.

Esses fatores também mostraram-se importantes para a motivação do processo e foram considerados no momento em que foram elencados os principais fatores. Trabalhos anteriores sobre esse mesmo processo apontaram esses fatores como favorecedores.

O fator tonicidade mostra-se imprescindível para a ocorrência de metátese já que, na maior parte dos dados, constatou-se que o elemento que sofreu o processo deslocou-se de uma sílaba átona em direção a uma sílaba tônica.

Em relação ao elemento envolvido têm-se o segmento /r/ em grande parte dos dados. Esse fato também ocorreu em dados diacrônicos conforme será apresentado em seguida.

Na sequência, serão descritas as variáveis favorecedoras da ocorrência de metátese intersilábica na diacronia do português.

### 5.3 Descrição dos dados de diacronia

Nessa seção, apresenta-se a descrição dos dados diacrônicos de metátese, os quais foram retirados de obras que versam sobre a diacronia do PB, conforme mencionado na seção 5.0. Juntamente com a metátese ocorreram outros processos fonológicos que contribuíram para a mudança do latim para o português, porém não serão desenvolvidos neste trabalho.

Após uma análise do *corpus* da pesquisa, a pesquisadora julgou necessário fazer um recorte nos três tipos de metátese e ater-se apenas às metáteses intersilábicas, já que representavam um número maior no total de palavras. O mesmo ocorreu com os dados de aquisição, conforme já foi descrito na seção anterior. Na próxima seção, será possível ter uma visualização mais geral dos dados da diacronia.

TABELA 7 - Relação de metáteses intersilábicas e intrassilábicas na diacronia

Tipo	Apl/ Total	%	Exemplo
Metátese Intersilábica	80/ 105	76	<u>Cof</u> ia > <u>coi</u> fa
Metátese Intrassilábica	25/105	31	Se <u>mp</u> er > se <u>mp</u> re

Com é possível notar na tabela 7, o número de metáteses intersilábicas é bastante superior ao de metáteses intrassilábicas representando mais do que o dobro do total de dados.

Em relação ao tipo de segmento envolvido, nas metáteses intersilábicas, que serão descritas em mais detalhes nas próximas seções, a presença da vogal é predominante, conforme demonstrado na tabela 8.

TABELA 8– Segmento envolvido em metáteses intersilábicas

Segmento	Apl/ Total	%	Exemplos
Vogal	63/80	80	Solitari <u>u</u> > solte <u>i</u> ro
Consoante	17/80	23	Bad <u>r</u> rar > br <u>a</u> dar

O segmento mais envolvido em metáteses intersilábicas na diacronia são as vogais com 80%. As consoantes apenas aparecem em 23% dos casos.

### 5.3.1 Metátese progressiva e regressiva

Um fator importante a ser considerado, quando se trata de metátese, é a sonoridade. De acordo com a literatura, em estudos como o de Hume (1997), esse fator parece favorecer a ocorrência do processo fonológico em foco.

Na diacronia, o segmento parece encaminhar-se de uma sílaba átona rumo a uma sílaba tônica, conforme pode ser visualizado em (29).

(29)

Exemplo na aquisição: pe.dra → [ˈpɛr.da]

+ - + -

Exemplo na diacronia: mel.ro > mer.lo

+ - + -

Conforme ilustrado em (29), os diacríticos (+) e (-) referem-se à tonicidade da palavra (+ representa a sílaba tônica e '-', a sílaba átona). É possível perceber que tanto na diacronia quanto na aquisição as metáteses regressivas são as que preponderam. Esse aspecto, relativo à aquisição, já foi explicado, cujos dados podem ser visualizados na tabela 2.

A seguir, no tabela 9, apresentam-se informações percentuais na diacronia referentes às metáteses regressivas e progressivas, bem como uma relação entre direção e tonicidade.

TABELA 9 – Metáteses intersilábicas progressivas e regressivas na diacronia

Fator	Apl/Total	%
Metátese regressiva (rabia > raiva)	57/80	71
+ - -      + -		
Metátese progressiva (speilu > speliu)	23/80	28
+ -          + -		

Verifica-se, no tabela 9, que o número de metáteses regressivas é muito superior ao de metáteses progressivas. As primeiras representaram 71% do total, enquanto as segundas, apenas 28%. Esse fato pode ser explicado se for feita uma relação, conforme já foi apontado acima, com a tonicidade da sílaba, para cuja direção o segmento alvo do processo se desloca. Em outras palavras, ao deslocar-se de sua sílaba original, que é átona na maioria dos casos, o segmento vai em busca da sílaba mais proeminente da palavra.

Esse fato também pode ser comprovado percentualmente, conforme a está descrito na tabela 10.

TABELA 10 – Movimento do segmento em relação à tonicidade

Fator	Apl/Total	%
<b>Sílaba átona → sílaba tônica (Fenestra &gt; feestra &gt; fresta)</b>	10/ 17	78,6
<b>Sílaba tônica → sílaba átona (Eleemosynam &gt; esmolna &gt; esmola)</b>	7 /17	21,4

De acordo com a tabela 10, nota-se que o número de palavras na passagem do latim para o português que possuem segmentos que vão ao encontro da sílaba tônica é bastante superior ao movimento contrário, o que confirma a hipótese levantada a partir da leitura da tabela anterior. Enquanto as palavras cujas sílabas átonas portam segmentos que migram para sílabas tônicas num percentual de 78,6

%, as palavras cujas sílabas tônicas carregam elementos que migram para sílaba átona apenas formam o total de 21,4%.

Como foi visto na descrição dos dados da aquisição, um fator relevante a ser considerado em dados de metátese é o da estrutura silábica. Com relação a esse fator, o comportamento dos dados em diacronia é o mesmo, assim, conformemente ao que ocorre na aquisição, as sílabas abertas são mais favoráveis à ocorrência de metáteses, na passagem do latim para o português.

TABELA 11 - Estrutura da sílaba

Fator	Apl/Total	%
<b>Sílaba Aberta</b> <b>(pigritia &gt; pegriça &gt;</b> <b>preguiça)</b>	13/80	81,3
<b>Sílaba Fechada</b> <b>(crepare &gt; quebrar)</b>	4/17	18,7

Como é possível ver na tabela 11, o número de palavras com sílabas abertas foi consideravelmente maior em relação às com sílaba fechada. As palavras cuja estrutura silábica era fechada apresentaram o grande percentual de 81,3 %, diferentemente daquelas com sílabas fechadas, apenas 18,7%.

Outro fator importante a ser levado em conta para explicar a metátese é a consoante *onset* seguinte ao segmento passível de metátese quanto ao modo de articulação, descrito na tabela 12.

TABELA 12 – Consoante *onset* seguinte ao segmento passível de metátese quanto ao modo de articulação

Fator	Apl/Total	%
<b>Plosiva</b> <b>(Crepere &gt;</b> <b>quebrar)</b>	5/17	30
<b>Não existe</b> <b>(Tonotru &gt;</b> <b>tronótu)</b>	6/17	35,2
<b>Líquidas</b>	2/17	11,7

Na tabela 12, percebe-se que os dados diacrônicos apresentam semelhanças e diferenças nesse fator em relação à aquisição. Na diacronia, as plosivas são tão favorecedoras para a ocorrência do processo quanto na aquisição, pois apresentaram 30%. Por outro lado, as fricativas que na aquisição não se mostraram tão relevantes, e na diacronia também não foram tão importantes para que o processo ocorresse apresentando um percentual de 17,6%. O fator que se mostrou mais importante para a ocorrência foi o “não existe” com o percentual de 35,2 %.

Na tabela 13, tem-se o fator consoante *onset* da sílaba seguinte quanto ao ponto de articulação.

TABELA 13 – Consoante *onset* da sílaba seguinte quanto ao ponto de articulação

<b>Fator</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>
<b>Coronal</b>	4/17	23,5
<b>Não existe</b>	8/17	47
<b>Dorsal</b>	2/17	12

De acordo com a tabela acima apresentada, na diacronia o fator que mais favorece a ocorrência do fenômeno é o não existe com um valor percentual alto de 47 %. Outro ponto de articulação que também apresentou um percentual considerável foi o de ponto labial com 23,5%.

O quadro a seguir apresenta um apanhado dos variáveis mais favorecedoras para ocorrer metátese intersilábica na diacronia do PB.

QUADRO 2- Variáveis favorecedoras à ocorrência de metátese na diacronia do PB.

- Progressivas e Regressivas

REGRESSIVAS

-Tonicidade

SÍLABA ÁTONA → SÍLABA TÔNICA

- Estrutura Silábica

ABERTA

- Ponto de articulação

NÃO EXISTE

A seguir, tem-se a comparação dos dados de metátese na diacronia e na aquisição do PB.

## 6. ANÁLISE FONOLÓGICA

Neste capítulo, faz-se a análise fonológica dos dados de aquisição e de diacronia alvo do presente estudo, com base na Fonologia Autossegmental, antes, porém, apresenta-se um panorama dos *corpora* estudados.

No Quadro 3, a seguir, são apresentadas metáteses diagnosticadas nos dados de aquisição, catalogadas como (i) metátese segmental intersilábica, em que o segmento sofre a transposição de uma sílaba para outra em um mesmo vocábulo; (ii) metátese segmental intrassilábica, na qual o segmento movimenta-se dentro da mesma sílaba.

QUADRO 3– Panorama de metáteses verificadas nos dados de aquisição

Metáteses Segmentais Intersilábicas		Metáteses Segmentais Intrassilábicas	
PALAVRA METATIZADA	PALAVRA <i>STANDARD</i>	PALAVRA METATIZADA	PALAVRA <i>STANDARD</i>
[ama'lɛru]	por amarelo	[bla 'kɪɲu]	por barquinho
['manika]	por máquina	['kɔbar]	por cobra
[ 'panta]	por tampa	['nikandu]	por brincando
['pɛrda]	por pedra	[trenɛ'ɪɲu]	por terneirinho
['prɛda]	por pedra	[brobo'leta]	por borboleta
['krɔba]	por cobra	['barsu]	por braço
['plɛda]	por pedra	['grafu]	por garfo
[blisi'keta]	por bicicleta	['proku]	por porco
[zeda'leyda]	por geladeira	[brabo'leta]	por borboleta

No Quadro 3, conforme já mencionado na seção 5.1, as metáteses eleitas para análise foram as metáteses segmentais intersilábicas, pelo fato de seu número de ocorrências ser o maior. As metáteses segmentais intrassilábicas e silábicas, por terem ocorrido em menor número, não foram consideradas nesta análise, e serão aproveitadas em trabalhos futuros. É importante ressaltar que os dados que possuem glides e vogais não constam desta análise, pois no momento em que foram submetidos ao programa GoldVarb deram *knockout*, por haver poucas ocorrências em relação às que possuíam consoantes.

As metáteses segmentais intersilábicas apresentam aspectos importantes a serem considerados, como, por exemplo, o tipo de segmento envolvido no processo. O elemento que mais sofreu metátese foi o tepe, o denominado “r-fraco”. Acrescenta-se que dos 76 casos em que se diagnosticou metátese intersilábica, 66 deles apresentam metátese dessa sonorante. Alguns exemplos são apresentados em (30).

(30)

[‘prɛda]	por pedra
[‘krɔba]	por cobra
[‘kwardu]	por quadro
[ ‘kɔrba]	por cobra
[‘drentu]	por dentro
[‘trigi]	por tigre
[da’graw]	por dragão
[a’surka]	por açúcar
[‘virdu]	por vidro
[abi’dror]	por abridor
[miko’froni]	por microfone

[ˈvridu]	por vidro
[taˈtror]	por trator

Acredita-se que as metáteses de líquida não-lateral /r/ ocorrem em maior escala em virtude de ser a sonorante de aquisição mais tardia dentre as líquidas no português, conforme Matzenauer (2001). Ademais, para além de /r/ ser marcado em relação aos demais segmentos – razão pela qual é adquirido tardiamente –, também figura em estruturas silábicas marcadas, visto constituir onset complexo e coda na língua (Matzenauer, 2001, p. 91), ainda que possa, como as demais consoantes, emergir em onset simples.

Há casos em que o segmento que sofre o processo de metátese se encontra em posição de coda, seja medial (cf. lagartixa → [lar.ga.ti.ʃa]) ou absoluta (cf. açúcar → [a.su.kra]); porém, tais ocorrências são menos frequentes que os casos envolvendo onset.

Por fim, quanto ao tipo de segmento, os casos que envolvem fricativas são os menos recorrentes. Nesses casos, as consoantes na maioria das ocorrências encontram-se na posição de onset simples ou coda absoluta, conforme em (cf. lapseira → [sa.pi.re.ra]; ovos → [sovu]).

No que diz respeito às sílabas originais e sílabas resultantes nos dados de aquisição, mostrados no quadro acima, na maioria dos dados de metátese intersilábica as sílabas originais eram CCV, CVC e CV. Depois da ocorrência do processo, as estruturas já citadas, tanto se mantiveram as mesmas ou no, caso das sílabas CCV, passaram a ser CVC, conforme mostrado abaixo em (31).

(31)

(31a)

CCV → CVC

quadro → ['kwar.du]

(31b)

CV → CV –

máquina → ['ma.ni.ka]

(31c)

CVC → CVC -

lagarto → [lar.'ga.tu]

(31d)

CCV → CCV –

pedra → ['prɛ.da]

Nas metáteses intersilábicas é possível observar dois tipos de alteração – manutenção ou alteração de estruturas, conforme assevera Zitzke (op. cit.). Primeiramente, foi observado que, depois da ocorrência de metátese, as duas sílabas envolvidas têm seus moldes alterados, isto é, a sílaba que doa a consoante e a sílaba que recebe a consoante são modificadas, porque apenas uma consoante se

movimenta (cf. vidro → [vri.du]). Na maioria dos dados não aparecem variação de estruturas, ou seja, em poucas ocorrências as estruturas tanto podem manter-se as mesmas, quanto podem sofrer alteração na mudança do segmento da sílaba doadora para a sílaba receptora, conforme (32a-b).

(32)

a) pedra → ['prɛ.da]

b) pedra → ['pɛr.da]

No primeiro exemplo, ['prɛ.da], o segmento na sílaba original encontra-se na posição de onset complexo e, ao mudar de sílaba, mantém-se na mesma posição. No segundo, ['pɛr.da], o segmento originalmente ocupa a posição de onset complexo e, ao sofrer o processo, passa a ocupar uma posição diferente na nova sílaba, a de coda absoluta. O contrário também é atestado em (33 a-b) ilustrado.

(33)

a) açúcar → [a.'su.kra]

b) açúcar → [a.'sur.ka]

Observe-se nas ocorrências em (33a-b) ilustradas que a líquida não-lateral, /r/, originalmente em coda absoluta, pode ocupar duas posições diferentes nas estruturas resultantes. No primeiro caso, [a.'su.kra], o elemento que inicialmente estava em coda absoluta passa a ocupar a posição de onset complexo na sílaba resultante. No segundo caso, [a.'sur.ka], esse mesmo segmento migra para a posição de coda medial na sílaba resultante.

Enfim, a comparação entre estrutura original e estrutura resultante é requisitada a fim de se perceber se houve ou não mudança. Se a estrutura original for igual à resultante, então a estrutura permaneceu a mesma; caso contrário, pode-se dizer que houve mudança na estrutura silábica.

Salienta-se que as mudanças de estrutura nos dados de aquisição, resultantes do processo de metátese, apontam para a tendência a eliminar *clusters* de duas coronais, em prol de outras estruturas (cf. *pedra* -> [ˈpɾɛ.da]). Esse fato é constatado na maioria dos dados. Os clusters formados por coronais apresentam-se como um desafio na aquisição por serem mais complexos e mais tardios, conforme aponta Hernandorena (1990).

Conforme assevera Zitzke (op. cit.), a tonicidade é informação crucial para a metátese intersilábica, a qual envolve mais de uma sílaba, o que acarreta uma mudança de tonicidade, como, por exemplo, de pretônica para tônica, de tônica para pretônica, de postônica para tônica. Esse último caso é o mais recorrente na aquisição, e também na diacronia.

Nos dados de aquisição, os elementos alvo de metátese deslocam-se em direção à sílaba tônica, conforme ilustra (34).

(34)

tigre → [ˈtri.ɡi]

pedra → [ˈpɾɛ.da]

cobra → [kɾɔ.ba]

No contexto acima apresentado, o elemento metatizado deslocou-se da sílaba átona para sílaba tônica.

De acordo com Zizke (op. cit.), por a sílaba tônica ser a sílaba mais saliente na palavra, e por razões pragmáticas a que é produzida com mais atenção, os informantes, ao optarem por realizar uma estrutura ou segmento complexo nesse ambiente, estão em busca da sílaba que é mais perceptível e que é produzida com mais cuidado, para fins de que não se percam informações relevantes da língua.

Quanto ao movimento feito pelo segmento, se regressivo ou progressivo, a maioria dos dados de aquisição atestam ser o movimento regressivo o mais recorrente nas metáteses intersilábicas, o que ocorreu em mais de 69,2 %. Tal informação está, aliás, atrelada ao fator tonicidade, dado que se uma consoante migra de uma posição postônica para uma posição tônica o movimento que está sendo

empreendido é regressivo (cf. cobra → [ˈkrɔ.ba]; trator → [ta.tɾɔr]). Dito de outra forma, a direção que o segmento assume decorre da informação de tonicidade.

Na diacronia, foi feita a mesma organização dos dados, conforme apresentado no Quadro 4.

QUADRO 4 - Panorama dos dados de metátese na diacronia

Metáteses Segmentais Intersilábicas	Metáteses Segmentais Intrassilábicas	Metáteses Silábicas
Merulum > merlo	Instrumentum > estormento	Plantare > cantar > tanchar
Sibilare > silvar	Periculum > perigo > prigo	
Inodium > enojo > enjôo	Super > sobre	
Fenestra > feestra > fresta	Inter > intre	
Tenebras > teevras > trevas	Semper > sempre	
Fravega > Fabricam > fábrica	aper > aprus	
Capistrum > cabresto	teter > tetrus	
Praesaepem > pesebre	bravo > bárbaro	
Eleemosynam > esmolna > esmola		
Ilhavo > lvalho		
Aquam > auga		
Materiam > madeira		

No Quadro 4, é possível observar que as metáteses intersilábicas são mais abundantes na diacronia do que os outros dois tipos de metátese, semelhantemente ao que se dá nos dados de aquisição; contudo, diferentemente desta, há mais casos que envolvem segmentos vocálicos do que aqueles que envolvem consoantes. Ainda assim, o tipo de consoante que mais relevância assume na diacronia é a líquida não-lateral /r/ (cf. tonotru > tronótu > estrondo), tal como nos dados de aquisição analisados.

Outro fator importante a ser comentado é o movimento traçado pelo segmento alvo do processo de metátese nos dados diacrônicos. Na maior parte dos casos, o segmento metatizado está na última sílaba da palavra, encontra-se, portanto, em uma sílaba postônica, desenvolve então um movimento regressivo, em direção, via de regra, à sílaba tônica da palavra (cf. fenestra > feestra > fresta; tenebras > teebras > trevas), da mesma forma que ocorre nos dados de aquisição do português. Registra-se que também ocorreram metáteses progressivas nos dados diacrônicos, ainda que não tenham sido em grande número (cf. praesaepem > pesebre; crepare > quebrar)

Nos dados diacrônicos, uma possível explicação para o fato de ocorrer mais metáteses segmentais com movimento regressivo, ou seja, que partem de uma sílaba postônica para uma tônica, é que, na passagem do latim para o português, sempre quando há mudanças fonológicas, tanto de acréscimo, quanto de perda ou transposição de elementos, a sílaba tônica sempre é mantida. Considere-se também o fato de a informação prosódica do acento em latim, tal com em português, ser distintiva; logo, a sílaba tônica seria um contexto menos propenso a sofrer processos fonológicos.

Na diacronia, o fator tonicidade também é importante para o processo de metátese. Além disso, outra semelhança que há em relação a esse aspecto, é que nos dados do latim para o português, assim como nos dados de aquisição, o segmento que sofre o processo desloca-se de uma sílaba átona em direção à sílaba tônica (cf. crepare > quebrar).

Conforme já foi mencionado sobre os dados de aquisição, o acento no PB é uma informação distintiva, ou seja, fonológica. Esse fato também ocorre no latim, o

que implica, assim, a preservação do ambiente que carrega a informação fonológica. Observando-se que essa característica está presente em ambas, na aquisição e na diacronia, há, assim, mais uma comprovação de que os fatores que envolvem o processo de metátese estão relacionados com o fato de que ele possui motivações estruturais da língua.

Quanto às estruturas originais e resultantes, em dados de diacronia, o elemento que sofre o processo de metátese tende a manter o mesmo tipo de estrutura da sílaba original, das quais as mais recorrentes são CCV e CV (cf. capistrum > cabresto; palude > padule). Nos dados analisados, foi encontrado somente um caso em que uma estrutura CVC passou a ser CCV (cf. poppulus > ploppus).

Em relação à estrutura silábica original e resultante, é importante ressaltar que, a partir dos dados apresentados na aquisição e na diacronia, nota-se que há uma semelhança entre eles. Tanto na aquisição quanto na diacronia, na maior parte das metáteses intersilábicas analisadas, a estrutura silábica resultante é a mesma da estrutura silábica original.

No fator acima mostrado, também é possível fazer-se outra relação entre os dados de aquisição e diacronia. No que diz respeito às estruturas originais e resultantes, os encontros consonantais formados por coronais não são desfeitos na diacronia, diferentemente do que ocorre na aquisição. Essa dessemelhança poderia estar relacionada ao fato de se lidar com um sistema já estabelecido, de um lado, e um sistema ainda não plenamente estabelecido, de outro. Sendo assim, esse tipo de encontro consonantal não é complexo para falantes adultos.

A partir da comparação entre fatores linguísticos relacionados à aquisição e à diacronia da língua portuguesa, é possível apontar-se uma série de semelhanças entre essas duas realidades linguísticas.

A comparação entre os fatores considerados favorecedores para a ocorrência do processo de metátese, como tipo de segmento envolvido, tonicidade (e direcionalidade), estrutura da sílaba, em ambas as situações linguísticas, parece confirmar que a metátese não é um processo exclusivo da aquisição da linguagem e que as razões desencadeadoras estão na estrutura fonológica da língua, ou seja, haveria uma motivação estrutural para o comportamento observado.

De acordo com Hume (1997), a metátese é produto de mais de uma operação. Assim, a abordagem de múltiplas operações resulta na desmitificação da metátese como um processo fonológico, rejeitando a visão da metátese como uma operação básica, como por exemplo, a de assimilação ou dissimilação. Ao contrário da assimilação, que é formalizada com o espraçamento, e a dissimilação, caracterizada como desligamento, não existe uma única operação disponível em fonologia não-linear capaz de expressar o processo pelo qual ocorre a transposição segmental, no presente caso de uma sílaba para outra, como se dá na metátese intersilábica.

Com isso, para formalizar tal processo é necessário mostrar a atuação das operações fonológicas de que resultam formas como, por exemplo, [ˈpɛr.da] por *pedra* /pɛdRa/. Antes de mais nada, é necessário esclarecer que a representação subjacente assumida para o tepe coronal é de um segmento subespecificado, daí /R/, seguindo-se a linha de Wetzels (1997), o qual carrega unicamente os traços de nó de raiz, [-aproximante, +sonorante, +contínuo] e cuja manifestação como segmento plenamente especificado ocorre em etapa subsequente na fonologia. Além disso, para que a forma metatizada ocorra, [ˈpɛr.da], será necessária uma inserção de posição esquelética à esquerda da oclusiva coronal /d/, a fim de que a sonorante em questão possa constituir com /d/ um cluster heterossilábico, /Rd/, tal como outros clusters heterossilábicos encontrados no português, a saber /R d/, em /pɛ.Rda/.

Observe-se em (35) a posição esquelética inserida à esquerda de /d/, bem como /R/, subespecificado, à direita da oclusiva coronal.

(35)

Pedra → [ˈpɛr.da]

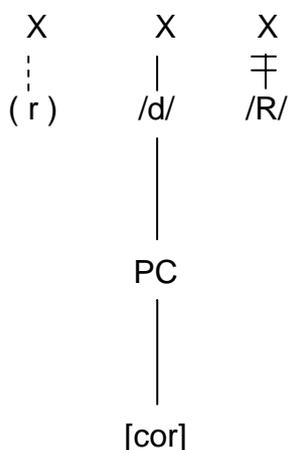


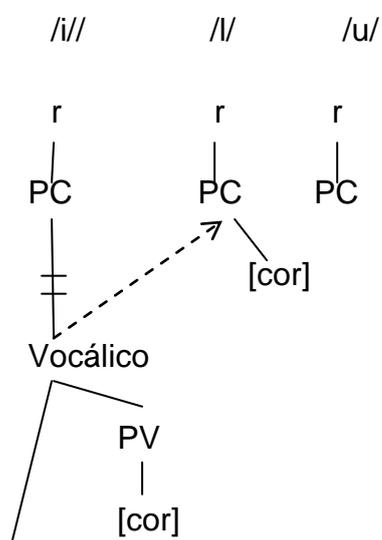
Figura 10 : Metátese de *pedra* → [ˈpɛr.da]

Conforme a representação em (35), o segmento /R/ não carrega traços de ponto de C, mas tem de ser desligado de sua posição esqueletal, a fim de que possa assumir a posição inserida à esquerda de /d/, daí resultando, em etapa subsequente, a forma metatizada, [ˈpɛr.da]. Note-se que, após ser desligado do tier esqueletal /R/ não é apagado, mas permanece flutuante, <R>, acoplando-se, em etapa subsequente, à posição C, já referida.

Tal interpretação encontra respaldo nos resultados oriundos da análise estatística sob o Goldvarb, que aponta serem favoráveis à aplicação do processo de metátese – a estrutura da sílaba, aberta, na qual estaria o segmento passível de metátese, bem como o número de sílabas da palavra, no presente caso, dissílabo. Com isso, relativamente à aquisição dos dados aquisicionais do português brasileiro aqui analisados, ter-se-ia, fazendo nossas as palavras de Matzenauer (2001, p. 97), uma evidência de que o falante nativo da língua seria detentor do conhecimento referente ao favorecimento da emergência do tepe coronal, interpretado como /R/, *na sílaba do acento primário da palavra, seja como onset simples, como constituinte de onset complexo, [ta.ˈtɾɔr] por trator, ou como coda silábica, [ˈpɛr.da] por pedra*. Em outras palavras, o falante nativo do PB teria de manipular a informação do pé métrico da língua, um pé troqueu de cabeça à esquerda, a fim de que o tepe coronal, o qual, na forma standard, emerge na posição fraca do pé, fosse alçado à posição forte desse constituinte prosódico – a borda esquerda, concebida como proeminente em termos prosódicos e, por isso, preferida.

Na diacronia, as metáteses intersilábicas ocorrem mais frequentemente com vogais. Na formalização via geometria de traços, é possível representar esse caso de metátese também lançando mão de duas operações, uma de desligamento e outra de espraiamento, conforme está apresentado no exemplo (36).

(36)

*speilu* > *speliu*

Abertura

Figura 11 : Metátese de *speilu* > *speliu*

Conforme representado em (36), para ocorrer a metátese, *speilu* > *speliu*, são requisitadas as operações de desligamento e de espraçamento de traços. Nesse exemplo, em um primeiro momento o segmento [ i ] tem seu nó vocálico desligado e, em seguida, espraia-o para a consoante subsequente, /l/, a qual passa a carregar uma constrição secundária, vocálica, juntamente com a constrição primária que a caracteriza como sonorante coronal, o traço de ponto, do que resultaria a forma encontrada na diacronia /l̥/ e posteriormente /x/, no português. Essa é mais uma interpretação do processo de metátese sob a abordagem da Geometria de traços, uma das eminentes representantes da fonologia não-linear.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, intencionou-se estabelecer uma relação entre as ocorrências do fenômeno metátese, tanto na diacronia quanto na aquisição do PB.

A partir da análise dos dados de ambas realidades lingüísticas, é possível entender que, de fato, a motivação para a ocorrência do processo é de ordem estrutural, isto é, a metátese é desencadeada pelo a estrutura da língua, tanto no que concerne à sílaba, quanto o que concerne ao segmento.

Um fator que se apresentou importante para desencadear esse processo, na diacronia e na aquisição, foi o de tonicidade. O segmento ao deslocar-se buscou sempre a sílaba tônica. Conforme explicado anteriormente, sendo o acento uma informação distintiva na fonologia do PB, mesmo com a mudança da posição do elemento na palavra, ele sempre procura a preservação do ambiente o qual carrega a informação fonológica.

Além desse, outros elementos mostram-se favorecedores para a ocorrência do processo na aquisição, tais como, a consoante da sílaba seguinte, o número de sílabas da palavra, a estrutura da sílaba envolvida. Quanto a esse último, mostrou semelhanças na aquisição e na diacronia revelando que após a transposição, os elementos, na maior parte dos casos, mantêm a mesma estrutura silábica em relação à estrutura original.

Quanto à consoante da sílaba seguinte, na aquisição, a maior parte mostrou-se inexistente. Isso corrobora com outro fator relevante para a ocorrência de metáteses na aquisição: o número de sílabas na palavra. Como a maior parte dos dados são de palavras dissílabas e muitas vezes o elemento metátizado fez movimento progressivo, a sílaba seguinte não influenciou na ocorrência do processo.

Sobre a estrutura silábica envolvida, na aquisição, os dados que apresentaram sílabas abertas foram mais favorecedores para a ocorrência do processo. Em relação às estruturas silábicas originais e resultantes, tanto na diacronia, quanto na aquisição, a maioria dos casos mostrou que as estruturas mantiveram-se as mesmas após a metátese. É importante ressaltar, sobre essa questão, que na aquisição isso ocorre porque há uma tentativa do informante desfazer *clusters* que envolvem duas coronais.

Esse tipo de encontro consonantal é considerado mais complexo e de aquisição tardia.

Na maior parte dos casos, o elemento metatizado, tanto na diacronia quanto na aquisição, saiu da posição de onset complexo e tomou a mesma posição na nova sílaba. Houve também, porém poucos casos, em que o elemento saiu de coda absoluta e passou a ocupar posição de onset.

Em relação à consoante da sílaba seguinte, quanto ao ponto de articulação, nos dados de aquisição as labiais mostram-se as mais favorecedoras para ocorrer metátese. Porém, também houve uma grande ocorrência de palavras dissílabas as quais não possuíam consoantes seguintes. Esse fato também ocorreu na diacronia.

Em relação ao modo de articulação em consoante seguinte, na aquisição, os dados mais relevantes foram as plosivas. As líquidas não-laterais também mostram-se significativas. Na diacronia, as plosivas também são as mais favorecedoras.

O segmento que mais apresentou casos de metátese, nos dois ambientes de análise, foi o /r/. O tipo de metátese mais recorrente foram as intersilábicas, sendo que na diacronia, a maioria envolvia vogais. Na aquisição, a maior parte das ocorrências foram com consoantes.

Considerando que na diacronia e na aquisição os dados apresentam mais semelhanças que diferenças, acredita-se que a pergunta norteadora foi respondida. Sendo os principais fatores que favorecem a ocorrência desse processo de ordem estrutural, tanto silábico quanto segmental, a estrutura da língua, de fato, desencadeia a ocorrência do processo.

A Geometria de Traços (CLEMENTS E HUME, 1995), deu conta de formalizar as metáteses intersilábicas que envolviam vogais ou casos em que a consoante não formava um encontro consonantal. Isso ocorreu porque as metáteses em que duas consoantes são envolvidas fere um dos mais importantes princípios da teoria, o qual advoga que duas linhas de associação não podem se cruzar. Para tais casos, lançou-se mão do mecanismo criado por Wetzels (1997).

O trabalho também objetivou mostrar que é possível traçar paralelos entre duas realidades linguísticas distintas, ou seja, é possível comprar e estabelecer relações e

paralelos entre a diacronia e aquisição. É importante salientar que trabalhos que fazem esse tipo de análise são escassos além de trabalhos que versem sobre o processo aqui estudado. Com isso, buscou-se incentivar pesquisas que analisem mais de uma realidade da língua e que versem sobre o processo de metátese.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M.J. Visão sobre metátese da aquisição a idade adulta. In eLingUp (Centro de Linguística da Universidade do Porto), vol.3, nº1, 78-99, 2011.
- BISOL, L. *A sílaba e seus constituintes*. In: NEVES, M.H. *Gramática do Português Falado*. Campinas, Ed. Unicamp, vol. VII, 1999.
- BORGES, P. R. S. *Comparação do processo de Assimilação na Diacronia e Aquisição do Português*. 196 f. Dissertação de Mestrado. PUCRS, Porto Alegre, 1996.
- BLEVINS, J. *Evolutionary phonology: the emergence of sound patterns*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BLEVINS, J.; GARRETT, A. *The evolution of metathesis*. In: Hayes, B.; R. Kirchner; D. Steriade (Eds.). *Phonetically Based Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 117-156, 2004.
- CÂMARA, JR., J.M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CLEMENTS, G. A. HUME, E. V. *The internal organization of speech sounds*. In: GOLDSMITH, J. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.
- COUTINHO, I.L. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of english*. New York: Harper and Row, 1968.
- HARRIS, J. *Syllable Structure and Stress in Spanish*. A non-linear analysis. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1983.

HERNANDORENA, C.L.M. *Uma proposta de análise de desvios fonológicos através dos traços distintivos*. Dissertação de Mestrado. PUC-RS,1988.

HORA, Dermeval. MONARETTO, Valéria N. O, TELLES, Stella. *Português brasileiro: uma língua de metátese ?* Letras de Hoje, Porto Alegre,v.42,n.3,set.2010.Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/2799/2138>  
Acesso em: 5 de dezembro de 2012.

HUME, E. *The indeterminacy/attestation model of metathesis*. Language, v. 80, n. 2, p. 203-237, 2004.

\_\_\_\_\_ 1997. *Towards an Explanation of Consonant/Consonant Metathesis*. Draft, v. 1.

\_\_\_\_\_1998. *The Role of Perceptibility in Consonant/Consonant Metathesis*. In Blake, Susan, Eun-Sook Kim, and Kimary Shahin (eds.), WCCFL XVII Proceedings. Stanford: CSLI. 293-307.

ILARI,R. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.

JACOBS, H. Latin enclitic stress revisited. *Linguistic Inquiry*. v.28, n. 4,p. 648-661, 1997.

KAHN, D. *Syllable – based generalizations in English phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge: Mass: MIT, 1976.

LIMA, R.M. *A construção da representação fonológica da criança*. Aveiro, 2005.

MATTOS E SILVA, R.V. *Português arcaico: Fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.

MATZENAUER-HERNANDORENA, C.L.M. *Relações implicacionais na aquisição da fonologia*. In: Letras de Hoje, v.31, nº2, p.67-76. Porto Alegre: EDIPUCRS, junho, 1995.

MEZZOMO, C. L. *Aquisição da coda no português brasileiro: uma análise via teoria de princípios e parâmetros*. Tese de Doutorado. 201f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

NARO , A. J. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

NEUSHRANK, A. *Do Latim ao Português: Um Continuum à luz da Teoria Fonológica*. Dissertação de Mestrado. 120f. Universidade Católica de Pelotas, 2011.

NUNES, J.J. *Compêndio de Gramática Histórica do Português*, São Paulo: Clássica Editora, 1945.

QUEDNAU, L. *O Acento do latim ao Português Arcaico*. Tese de Doutorado. 219f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

REDMER, C.D. *Metátese e epêntese na aquisição do PB: uma análise via teoria da Otimidade*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Pelotas, 107 f. Pelotas : EDUCAT, 2007.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SÁ NOGUEIRA, R. *Tentativa de explicação dos fenômenos fonéticos em português*. 2. ed. Lisboa. Livraria Clássica, 1958.

SELKIRK, E.O. *The syllable*. In: HULST, H. & SMITH, N. *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, v.II, p.337-379, 1982.

SILVA NETO, S. da. *Fontes do latim vulgar. O Appendix Probi*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

\_\_\_\_\_. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Portugal, 1952.

\_\_\_\_\_. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

SCHANE, S. A. *Fonologia Gerativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

STAMPE, D. *A Dissertation on Natural Phonology*. Tese de Doutorado. Universidade de Chicago, 1993.

STOEL – GAMMON, C. & DUNN, C. *Normal and disordered phonology in children*. Baltimore : University Park, 1885, p.15 -74.

WETZELS, W. L. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, The Netherlands, n.9, p. 203-232, 1997.

TRASK, R.L. *Historical Linguistics*. London: Arnold, 1996.

VIHMAN, M.M, *Phonological Development*. Oxford: Blackwell,1996. P.13-49

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

YAVAS, M.;HERNANDORENA,C.L.M. & LAMPRECHT,R.R. *Avaliação fonológica da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ZITZKE, B. *Uma análise de metáteses em fala de crianças em fase de aquisição da linguagem*. Dissertação de mestrado. 107f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.